ANNO XXXIII
NUMERO 64
23 - 8 - 1934
Preço 1$200
DI CAVALCANTI
UNS GRANITOS CÔR DE AÇO
EPISODIO HISTORICO POR PAULO SETUBAL
(NO TEXTO)
O Malho

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO
Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34 – C. Postal 880
Telephones: 3-4422 e 2-8073 – Rio

Preços das assignaturas
Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição destacamos:

ILLUSÃO
Poesia de Felinto de Almeida
Da Academia de Letras

CAMILLO CASTELLO BRANCO
Por Ruben Gill

SABIÁ DO MORRO
Conto de Leão Padilha

A ESCADA DA VIDA
Chronica de Henriqueta Lisboa

CAÁ --- PUTIRÁNA
Chronica de Oswaldo Orico

AS INDISCREÇÕES DE UM BONECO DE MOLAS
Reportagem de Francisco Galvão

OS MICKEYS DA CIDADE
Chronica da Magdala da Gama Oliveira

Programma

Já tivemos opportunidade, nesta pagina, de fazer referencia á numerosa classe dos imitadores, classe que com tanto brilho e efficiencia actúa no *broadcasting* carioca.

Hoje, queremos tratar de um assumpto parallelo á imitação, parente bem proximo da mesma.

Alludiremos á falta de iniciativa da quasi totalidade dos nossos interpretes, mesmo os raros de personalidade distincta, em crear interpretações suas nas composições lançadas por outros.

Si um cantor, mesmo mediocre, intercalar um "breque" num samba, dahi por deante todos os cantores de sambas cantarão essa peça da mesma maneira.

Si outro, ao lançar uma valsa, canta apenas o "refrain", ninguem mais se lembra da parte inicial ou das partes accessorias que a mesma tenha.

E' imitação?

Não se póde dizer que seja, porque muitas vezes isto acontece com cantores de merito, de physionomia propria e consagrada.

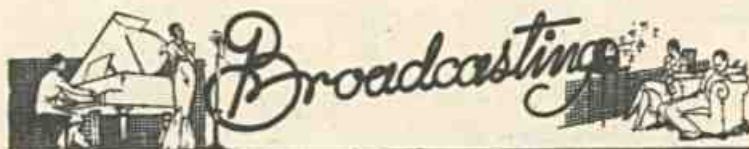
E' apenas o commodismo, a lei do menor esforço, aggravada pela falta de orientação artistica das nossas estações de radio, que, ao contractar um interprete, não visam outro fim senão encher um programma em que ha tantos ou quantos quartos de hora de propaganda a preencher.

Está claro que o maior interessado deve ser o cantor, para quem firmar personalidade é um negocio não só artistico, como tambem commercial.

Já é tempo, porém, de se ir attentando nessas pequenas cousas, criticando-as, mostrando-as aos nossos artistas para que tomem novos rumos, evitando o mais possivel a confusão em torno dos seus nomes.

Ser differente — eis o ideal desta época americana, em que a standartisação póde ser optima para os fabricantes de valvulas de radio, mas não para os cantores que enfrentam os microphones...

O. S.

"Fechei meu coração", a interessante marcha popularisada por Aurora Miranda, foi editada pela casa "A Melodia". Os autores são Walfrido e Oswaldo Silva.

O QUE VAE PELOS STUDIOS

— A "Radio Educadora do Brasil" já inaugurou as suas novas installações.

—o—

— O "Programma Casé" passou por sensiveis modificações, acabando com o quadro de artistas exclusivos, afim de poder ter a collaboração de maior numero de artistas.

—o—

— Ariano Neves, um dos mais efficientes contractadores de propaganda, deixou a "Radio Cajuti", onde vinha actuando depois de trabalhar para a "Mayrink Veiga" e a "Guanabara".

—o—

— Jayme Nogeler e Gastão Cottini estão cantando, tambem, nos programmas do "Radio Club".

—o—

— Tem agradado vivamente aos nossos ouvintes de radio a actuação, na P. R. A. 9, da cantora cubana Josefina Peña, que se encontra no Rio e que já conquistou renome no Rio da Prata não só através do microphone de L. R. 3 (Radio Nacional), como tambem de films falados em castelhano.

—o—

Regressou de sua viagem aos Estados Unidos, o chefe da gravação da "Victor", sr. Leslie Robert Evans, que para alli seguira ha dois mezes, mais ou menos. Vão retomar, assim, a actividade do costume, os studios da referida fabrica de discos.

MUSICAS NACIONAES

— Almirante, um dos cantores mais typicamente brasileiros que possuimos, foi o creador em discos "Victor" dos sambas "Conversa puxa conversa" de Oswaldo Vasques e João Santos, e "Mulher nunca fala a verdade", de André Filho.

—o—

— "Um sorriso" e "Quando o meu amor partiu" são duas novas peças populares de Benedicto Lacerda, editadas pela casa "A Melodia".

Será ainda a dupla Madelú — Arnaldo Amaral a creadora do samba de Germano Augusto Coelho e Zé-Pretinho, intitulado: — "Eu vou para bem longe".

MUSICAS DE FILMS

Dos numeros musicaes de "Voando para o Rio" os mais interessantes são o fox-trot que tem o proprio nome do film e a canção "Orchidéas ao luar", esta ultima com letra de Christovão de Alencar e editada pelos Irmãos Vitale.

—o—

— "Hoje é domingo para mim", valsa, encaixada entre os numeros do film "Sinfonia do Amor", já se encontra em circulação. A musica é de John Strauss (não confundir com Richard) e não traz versão para o nosso idioma.

FIO TERRA...

— Afinal, Kalúa, quando é que você se resolve a pagar aquella conta de clichés que o gravador reclama, todos os dias, pelo "Diario da Noite"?

— Quando elle deixar de pôr o annuncio...

—o—

— Carmen Miranda está cantando mais vezes, agora, por semana, na "Mayrink Veiga?"

— Não. E' que a Zézé Fonseca tambem está cantando lá...

—o—

— Por que será que o Dr. Salles Filho, do "Programma Nacional", escolheu a hora do jantar para as suas "apparições" pelo microphone?

— Talvez porque goste das comidas...

CASO DE HOSPICIO

— Pobre homem! A mulher fugiu, levou-lhe o cachorro e o radio, e elle ainda vem fazer queixa na Delegacia! — Está maluco, na certa...

"NAVIO-GAIOLA"

(Caricatura de Silvia Mello, feita por Jocal)

Sobre uns versos escriptos por Oswaldo Santiago — vá a modestia ao raio que a parta — escreveu Nelson Ferreira, o consagrado compositor pernambucano que esteve, ha pouco, nesta capital, uma partitura que é um verdadeiro encanto. "Navio-Gaiola" é o titulo da peça e Silvia Melló, interprete absoluta de motivos verde-amarellos, lançou-a pelo microphone da "Mayrink Veiga".

Nelson Ferreira, ao dedicar-lhe a composição, disse que o "navio" era della e de Custodio de Mesquita, seu acompanhador e noivo — o que é um modo de ser acompanhador duas vezes. O autor da letra, por sua vez, resolveu offerecer a "gaiola" aos dois passarinhos, o que faz por meio destas linhas. Esta legenda vae illustrada por uma caricatura de Silvia Mello, trabalho interessante de Jocal.

JA REGISTROU O SEU RADIO?

A Directoria Regional dos Correios e Telegraphos resolveu permittir que, durante o mez de Agosto, ainda corrente, sejam feitos os registros de apparelhos receptores de radio diffusão, ainda não registrados no anno presente.

Assim sendo, a partir de Setembro proximo, está sujeito a apprehensão, de conformidade com a lei, todo apparelho que não estiver matriculado naquelle departamento.

O registro dos apparelhos de radio custa a insignificancia de 2$000, representada por um sello postal da referida importancia, que deverá ser apresentado em qualquer das agencias ou succursaes dos Correios, onde o possuidor fará a respectiva declaração do seu nome e residencia.

Todas as vezes que houver mudança de local, o mesmo deve ser feito por aquelles que gostarem de andar em dia com a lei...

UM GRANDE CONCURSO RADIOPHONICO

PROSEGUE O CERTAMEN DE PALAVRAS CRUZADAS INSTITUIDO PELO "PROGRAMMA CASÉ", DE ACCORDO COM O MALHO

A distribuição de mappas e a publicação de algumas "chaves"

Caminha para um maximo de intensidade o interesse do publico em torno do concurso de palavras cruzadas do "Programma Casé", combinado com O MALHO.

São innumeras as casas commerciaes desta capital que se estão encarregando de distribuir pelos seus freguezes o mappa do referido certamen.

Só nos primeiros quinze dias foram entregues cerca de 20.000 mappas nos balcões das casas distribuidoras.

O MALHO, para que os seus leitores, pudessem concorrer, principalmente os do interior, publicou referido mappa no seu numero 62, que circulou em 9 de Agosto corrente.

Afim de attendermos a um sem numero de pedidos, iniciamos hoje a publicação das primeiras "chaves" que foram dadas pelo microphone, nas derradeiras irradiações do "Programma Casé".

Avisamos, porém, que algumas "chaves" não serão por nós divulgadas, cabendo ao "Programma Casé" a exclusividade das suas revelações.

Chaves irradiadas nos dias 7, 9 e 12.

CHAVES VERTICAES

1 — Celebre dictador paraguayo.
2 — Findar, terminar.
3 — Figura mythologica.
4 — Logar onde se vendem bebidas.
5 — Nome de mulher.
6 — Lista de roupas.
7 — Gritar, berrar.
9 — Batrachios.

CHAVES HORISONTAES

1 — Dansar uma musica brasileira.
2 — Grande massa d'agua.
3 — Latir.
4 — Prefixo arabe que significa pae.
5 — Contracção grammatical.
6 — Resa.
7 — Não é mão.
8 — Mostrou alegria.
9 — Liga, prende.
10 — Instrumento musical indigena.
11 — Fructas do Natal.
12 — Nome de mulher derivado de flor.

—o—

A relação dos premios que serão offerecidos aos decifradores do mappa de palavras cruzadas do "Programma Casé" já foi publicada no O MALHO e será reproduzida, com novas alterações, num dos nossos proximos numeros.

Isto fazemos para não prejudicar a materia da secção de "broadcasting", cujo espaço é limitado.

SOBRE RADIO-THEATRO

O theatro radiophonico, no Brasil, agora que está ensaiando os primeiros passos.

Na França, por exemplo, elle já attingiu um desenvolvimento extraordinario, sendo innumeros os escriptores de linhagem que se occupam na composição de peças para o microphone.

Na Argentina, tambem, o radio-theatro entra nas cogitações de todos os directores de broadcasting e não ha nenhuma estação que não cultive o genero.

Ha artistas e conjunctos especiaes, instrumentos para effeitos de sons, todo um apparelhamento meticuloso e bem organisado.

As peças, os dialogos, os Sketches radiophonicos que se transmitte nas estações portenhas estão longe de constituirem arengas interminaveis e sensaboronas, como sempre acontece com os nossos.

Aqui, afóra Annita Spá e Olavo de Barros, que formaram, durante algum tempo, uma dupla capaz de attrahir a attenção geral, quasi nada mais se salva.

Paulo de Magalães e Lú Marival, na Radio-Rio, afugentam todas as boas vontades...

E nem é bom falar no sr. Salú de Carvalho e na sra. Alma Flora, que o sr. Roquette Pinto mantem talvez devido á efficiencia do primeiro no agenciamento de annuncios entre a colonia portugueza.

Alguns elementos que, em outras circumstancias, seriam aproveitaveis, como Olga Navarro, Barbosa Junior e Edmundo Maia, perdem-se no indifferentismo do publico ainda não encaminhando, devidamente, no sentido de apreciar essa modalidade de diversão.

Para triumphar, entre nós, o radio theatro precisa em primeiro logar de bons autores, de autores que se especialisem na sua technica.

Estes, ao envez de só explorarem assumptos de futilidade amorosa, devem enveredar por outros caminhos, como já o fez Felicio Mastrangelo, no Radio Club, levando "á scena" o drama sacro de Eduardo Garrido "O Martyr do Calvario".

Na Argentina, na França, como em quasi todo o mundo, os problemas sociaes modernos, fornecem vasto campo aos theatrologos do radio.

Depois dos escriptores, então, teremos que exigir os interpretes.

Não basta ser um bom actor theatral para agradar atravez do microphone, onde só a voz de quem representa se faz ouvir, não valendo cousa alguma o jogo physionomico ou as suggestões dos scenarios e dos effeitos de luz.

O actor do radio, como o escriptor, tem tambem de se especialisar, de imprimir á voz uma expressão á altura do papel que represente.

E só depois disto é que chegará o respeitavel, o respeitabilissimo publico, cavalheiro que para dar o fóra não custa logo que a cousa lhe pareça menos bem...

E' o que tem succedido, no Brasil, com o theatro radiophonico.

Mal apresentado, não agrada.

Mas ha de chegar o dia em que a grande massa de ouvintes se fartará de tanto samba, tanta marchinha de carnaval, tanto fox-trot de film americano, tanta cousa que não dura nem uma semana, e nesse dia, então, será possivel esperar do radio emoções mais fortes, ou, pelo menos, differentes.

Tempo ao tempo...

LINGUA DE TRAPO

Além de falar mal das mulheres pela imprensa e pelo livro, Berilo Neves fala tambem pelo radio. As suas palestras, salpicadas de um bom humor ironico, atravez dos microphones da cidade, attrahem o mesmo publico dos seus escriptos, engrossado pelas adhesões de quem não lê, mas escuta.

Berilo Neves acaba de publicar dois novos volumes, intitulados "Lingua de trapo" e "Seculo XXI", e é justo que os radiomanos que o admiram materialisem a sua admiração adquirindo-os. Mesmo porque Berilo tem na cabeça uma estação de "broadcasting" encarregada da diffusão dos defeitos femininos...

— "Um sonho de tencidade" é o titulo da valsa que figura na pellicula da "Ufa" — "Quero ser uma grande dama". Os autores são: Franz von Doelle, da musica, e Paulo Barbosa, das palavras em portuguez. Creação de Maria Felmann e edição de E. S. Mangione.

Caixa d'O Malho

BELMIRO PAURA FILHO (Rio) — Pode ser publicado o seu conto. A maneira de narrar, ali, é original e galvaniza o velho enredo.

LEONIDAS (S. Paulo) — "Autobiographia de uma rosa", piegas. Quanto á "Vingança de Alda", embora o feitio corrente do estylo convide á leitura, a psychologia das personagens está mal delineada e nota-se um certo desleixo de forma em todo o conto. Ha nelle paragraphos deste jaez: "Elle me envolveu subtilmente numa rede de seducções e nella, suggestiva e ingenua, bem depressa me achei envolvida". Demais, a sua heroina revela uma alarmante ausencia de senso moral. Vou ver o que ha com o seu "Sacrificio".

JOÃO ESTEVES (Ubá) — Sinto que o descuido o tenha aborrecido tão profundamente. Já lhe havia respondido a respeito, no numero de 12 de Julho, sem procurar diminuir a minha culpa. Não se pode julgar a sua chronica, sem offender a dignidade do seu soffrimento. Ella está tão carregada de emoção que, lendo-a, parece-me poder tocar com o dedo a ferida do seu coração. Entreguei-a ao secretario da revista para publical-a na primeira opportunidade.

JOAQUIM VASCONCELLOS (Bello Horizonte) — Lindos versos os que me enviou. Não lhe posso occultar o meu enthusiasmo pelo artista que se me revelou de maneira tão imprevista. Queira acceitar as minhas felicitações pelas duas preciosas gemmas que soube arrancar de um pedaço de terra onde outros só encontram cascalhos, e a minha gratidão pela alegria que me deu.

FIUSA LEI (Bahia) — Não quiz adulterar os seus versos. O que houve foi um erro de composição facil de explicar. Trocaram o *r* de *carinho* por um *m*, e sahiu *caminho*. O *seu* empregado antes do seu nome não é signal de malquerença. Ao contrario, eu só faço isso com os velhos amigos. Mande quando quizer.

PRINCIPE DE GALLES (S. Paulo) — Talvez seja uma simples scisma, porém não gostei da emenda. Demais, continúo a achar absurdo que um sujeito conte intimidades dolorosas a um desconhecido que elle encontra, por acaso, numa mesa de café. O homem tem o pudor natural da sua desgraça. E' até um axioma de psychanalyse: a consciencia *censura*, recalca as recordações dolorosas... Demais, não posso admittir que se converse meia hora deante de um mutilado, á mesa de um café e não se lhe note a amputação do braço. Se fosse uma perna, estando o homem sentado, vá lá. Ou se o vingador chegasse de repente e avançasse para aggredil-o, justificava-se a scena. Como está — pode ser casmurrice ou scisma — mas não a engulo, não.

CLIDENOR RIBEIRO BASTOS (Araçatuba) — A forma literaria não é muito catholica, mas dá-se um geito. A anecdota vale bem um sacrificiozinho, porque é, realmente, curiosissima.

MIL (Ouro Fino) — Está certo. A respeito dos dois sonetos: "Longe de Casa", bom, sahirá; "O Livro e o Fusil", pathetico. Scenas assim não se prestam para sonetos. Principalmente, se terminam em phrases emphaticas como o seu. O soneto é tudo quanto ha de mais improprio para phrases emphaticas.

GETE' (Ouro Preto) — As collaborações poeticas que enviou têm qualidades para merecer a publicação. Ficam dependendo de um espaço opportuno. Quanto ás illustrações, a secção competente decidirá.

MATTOS NETO (Rio) — Gostei mais da poesia do que da chronica. Posso garantir-lhe que, na primeira, ha mais sabor de chronica do que de poesia, e na segunda mais fantasia. Por outras palavras: ha mais de chronica na "Historia do Caboclo Bamba do Morro da Favella", do que em "Deslumbramento", V. mistura demais a fantasia com a realidade. Demais, ha nesta muita coisa gasta e banal — muita coisa que não merecia a honra de pingar da sua penna. Quanto á historia giboia ou cascavel e do boi, achei curiosa a sua explicação: o sub-consciente prega-nos cada peça incrivel!

THEOMAR JONES (Cachoeiro de Itapemirim) — Qual! Isso não é poesia. Nem ha no seu caboclo uma pitada que seja de realidade. E' um typo construido "de oitiva", através de leituras apressadas.

MAURICIO DE MORAES (Uberaba) — Se eu pudesse fazer esta secção com o coração, V. teria sido attendido desde o primeiro numero. Mas isso aqui tem normas, leis que abrangem todos, indistinctamente, e que eu applico, ás vezes compungido, mas sempre inflexivel. Ha um notavel progresso nas ultimas producções. Aquella historia da caçada está quasi, quasi... O que estragou ali foi aquella noiva como premio. Isso é da historia de Tranquedo. A chronica sobre o poeta só precisa de um final mais interessante. Aquelle final de charada "enterra o *team*". Em auto-suggestão, V. supprimiu, muito bem, o enredo amoroso, mas ainda teima em fazer de uma anecdota — conto. E' uma questão de retoques insignificantes, mas que sómente V. poderá fazer.

DR. CARUHY PITANGA NETO

SOL DAS ALMAS

Ronda a Saudade os flancos dos rochedos...
Ali, a um sol que morre, macerados,
Os montes nus, — tristissimos penedos, —
Têm a fria nudez dos contristados..

E a luz mortiça cahe sobre os fraguedos,
Pondo na alma dos montes descalvados,
Evocações de funebres segredos
Nesta hora triste de Angelus magoados...

Ah, então penso que, por um mysterio,
A' terra voltam legiões dolentes
Dos que morreram já... e que, do ethereo,

Ellas vêm vindo, nestas horas calmas,
Chorar saudades, tristes, penitentes,
No psalterio de luz do sol das almas!...

LUIZ MUNIZ

AS NOVAS INSTALLAÇÕES DO INSTITUTO A. DORET

Aspecto tomado durante a inauguração festiva das novas installações do Instituto A. Doret, a elegante casa da rua Alcindo Guanabara, 5-A, cujos salões de cabelleireiros para senhoras, "manicures" e massagistas são frequentados pela nossa melhor sociedade.

Um centro de cultura no interior de São Paulo

A Livraria Academica, nossa representante na bella e culta cidade de Jaboticabal, é um dos maiores emporios de livros daquella zona paulista. Pela gravura que acima reproduzimos e que representa uma parte da livraria, pode-se julgar da importancia desse grande estabelecimento.

As ultimas maravilhas da Photographia

Durante a X Exposição de Photographia e de Cinema, inaugurada no Parque das Exposições, em Versalhes, puderam os parisienses apreciar as invenções mais aperfeiçoadas e os progressos realizados no terreno da cinematographia. O que, porém, extasiou os visitantes foi a mostra retrospectiva da apparelhagem photographica conhecida até 1850. E' uma collecção unica no mundo, de documentos preciosos sobre a historia da arte de Niepce e Daguerre. Por elles ficou-se sabendo que a "substancia sensivel" usada por Nicephoro Niepce consistia numa "solução de betume da Judéa em oleo de Lavande", a qual, de começo, era estendida e seccada numa folha de vidro e, mais tarde, numa placa de estanho ou plaqué de prata, e que o inventor obtinha directamente as provas positivas. Os documentos de maior valia exhibidos comprehendiam uma carta de Niepce a seu filho, uma heliographia datando de 1828, provas do primeiro periodo do daguerreotypo, a camara-escura de mise au point por reflexão, a primeira camara dobradiça, o apparelho Gandin, a primeira objectiva de tirar retratos, o primeiro cinematographo de Lumière, etc. O Sr. Cromer, o organizador do "stand" retrospectivo, gastou 28 annos a reunir a documentação que expoz!

FRANCISCO GIFFONI

A morte arrebatou ha pouco do convivio dos vivos o conhecido e estimado pharmaceutico Francisco Giffoni, fundador dos grandes laboratorios chimicos que têm o seu nome.

Francisco Giffoni, cújo passamento ecoou dolorosamente no seio da sociedade brasileira, era diplomado pela Faculdade de Medicina e Pharmacia e fundador da Associação Brasileira dos Pharmaceuticos, além de abalisado chimico industrial, sempre na direcção technica dos laboratorios que fundou e se mantêem nesta capital. O extincto, que era viuvo, deixou os seguintes filhos: senhorinhas Margarida e Celia: pharmaceuticos Alberto, Mario e Francisco Giffoni Filho, casado com D. Ottilia Meirelles Giffoni; Alvaro Francisco Giffoni, casado com D. Elvira Salguerinho Giffoni; e os seguintes netos: Helio, Nilza, Léa, Ruth e Francisco Antonio.

COMO EXERCI O MEU MANDATO

Na passada Camara dos Deputados, o Sr. Dioclecio Duarte foi uma figura singular. Moço e talentoso teve desde o primeiro momento a visão do que lhe devia cumprir e não houve assumpto de interesse, regional ou nacional, que não lhe merecesse attenção cuidadosa, inspirando-lhe um parecer doutrinario ou um discurso substancial.

São desta sua viva acção parlamentar os trabalhos que agora aparecem reunidos em um volume, lançados á publicidade pela Editorial Duco, sob o titulo de "Como exerci o meu mandato". Livro de discursos parlamentares, nelle o Sr. Dioclecio Duarte demonstra com exactidão a segurança dos seus conhecimentos sobre as varias questões que agitaram o parlamento brasileiro ao fim da primeira Republica, tratando os assumptos da maior actualidade politica, economica e social, que foram objecto de discussão ali, entre os quaes o do banditismo no nordeste, a approximação continental pela marinha mercante, industria de tecidos no Brasil, o problema do transporte e a industria do sal nacional, o imperialismo economico, etc.

A ILHA DOS PANDEGOS

Max Yantock, o humorista interessantissimo da penna e do lapis, acaba de publicar mais um livro cheio de verve. A Ilha dos Pandegos.

As personagens apresentadas têm graça, os dialogos são vivos, alegres, pontilhados de trocadilhos e de doubles-sens, e o enredo da novella prende o leitor desde a primeira pagina.

Yantock apresenta, neste livro, um Grupo de individuos que naufragam e passam a viver, como novos Robinsons, numa Ilha deserta.

O que se passa nessa Ilha constitue o miolo da novella. Não ha ali, sómente, homour: ha, tambem, romance.

Calvino Filho editou o novo livro de Yantock.

HOMENAGENS A UM ILLUSTRE SACERDOTE

O vigario de São Luiz de Pirahitinga, Monsenhor Ignacio Gioia, rodeado pela commissão promotora dos festejos realizados em regosijo pelo facto de terem sido conferidas a este illustre sacerdote as honras de Monsenhor.

ALBUM DE ŒDIPO

MARECHAL

O desapparecimento desse nosso velho companheiro de trabalho

UMA perda inestimavel, um rude golpe acaba de soffrer O MALHO: falleceu o nosso velho, bondoso "Marechal", o amigo de sempre que vinha acompanhando e prestando a sua collaboração a esta revista, desde o seu primeiro numero — o numero com que O MALHO se apresentou ao publico brasileiro, no dia 20 de setembro de 1902.

Quem se der ao trabalho de folhar esta primeira edição historica da nossa tradicional revista, já encontrará, ali, figurando em destaque a secção do "Marechal" — o "Album de Œdipo".

A influencia que esta secção exerceu nos meios charadisticos brasileiros é enorme. Durante 32 annos, ella educou, ensinou, fez discipulos e admiradores por todos os lados, instituiu concursos, creou mil estimulos para o desenvolvimento desse genero especial de cultura.

A sua autoridade, na materia, logo se tornou incontestavel e absoluta. E o nome de "Marechal", assim como seu "Album" interessantissimo, se tornou conhecido em todo o Brasil e no estrangeiro.

O desapparecimento de Marechal representa, assim, uma perda irreparavel para O MALHO. E tão subito e inesperado foi o golpe, que, em face do imprevisto não cogitamos ainda em dar-lhe substituto, optando, por emquanto, por suspender temporariamente, a publicação do "Album de Œdipo".

O MALHO vê-se privado de um dos seus elementos mais preciosos e mais constantes. E os que trabalham nesta casa lamentam a perda de um companheiro dedicado, simples, modesto, não obtante a sua extraordinaria cultura, a quem a velhice não tirou nunca a menor parcella de alegria e de lucidez, a quem os cabellos brancos só deram mais bondade e mais tolerancia.

O desapparecimento do nosso querido companheiro, teve uma profunda repercussão em todos os meios culturaes da cidade, e ecoou, dolorosamente em todos os pontos do paiz a que chega O MALHO.

São innumeras as manifestações de pezar que nos têm sido enviadas por telegrammas e cartas dos pontos mais distantes do territorio nacional, e ás quaes deixamos aqui, consignada, a nossa sincera gratidão.

O PEZAR DA A. B. I.

Na sua ultima reunião, a directoria da Associação Brasileira de Imprensa approvou, por unanimidade, um voto de pezar pelo fallecimento do Marechal Dr. Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque, enviando telegrammas de condolencias á familia do extincto e á dacção d'O MALHO.

Marechal Dr. Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque.

UMA HOMENAGEM EXPRESSIVA

O Almanach Italo-Brasileiro, antiga e conhecidissima publicação annual de litteratura, sciencia, arte e charadismo, dirigido pelo Dr. Lydio Franco e Alvaro de Carvalho prestou uma expressiva homenagem ao nosso saudoso companheiro, suspendendo a sua confecção para estampar, em logar de maior destaque, a pagina que abaixo transcrevemos:

(MARECHAL DR. ANTONIO PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE)

E' com indizivel tristeza que consignamos o passamento desse insigne cultor do charadismo — o grande MARECHAL. Com o seu inesperado desapparecimento extingue-se um dos vultos de maior projecção nos meios charadisticos, onde o seu nome, de inconfudivel destaque, a par de uma vasta cultura, actividade perveverante, e excellentes qualidades de espirito gosava de prestigio notavel.

Era doutor em medicina, pela Faculdade de Medicina da Bahia, marechal medico do Exercito, e ha mais de vinte annos dirigia a secção charadistica d'O MALHO — o Album de Œdipo — e falleceu aos 64 annos de edade na manhã de 7 de Agosto de 1934, nesta capital.

A sua perda constituiu uma profunda consternação no mundo charadistico, onde elle se impuzera pelos predicados e virtudes que caracterizavam a sua individualidade.

Um ramalhete de saudades sobre a sua tumba!

LIGEIRA BIOGRAPHIA DO MARECHAL PIRES E ALBUQUERQUE

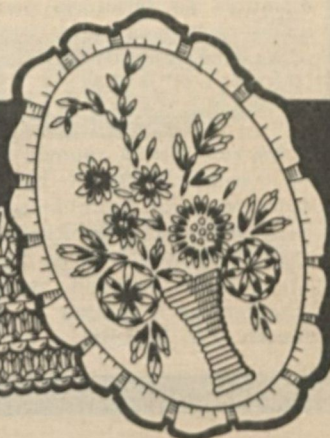
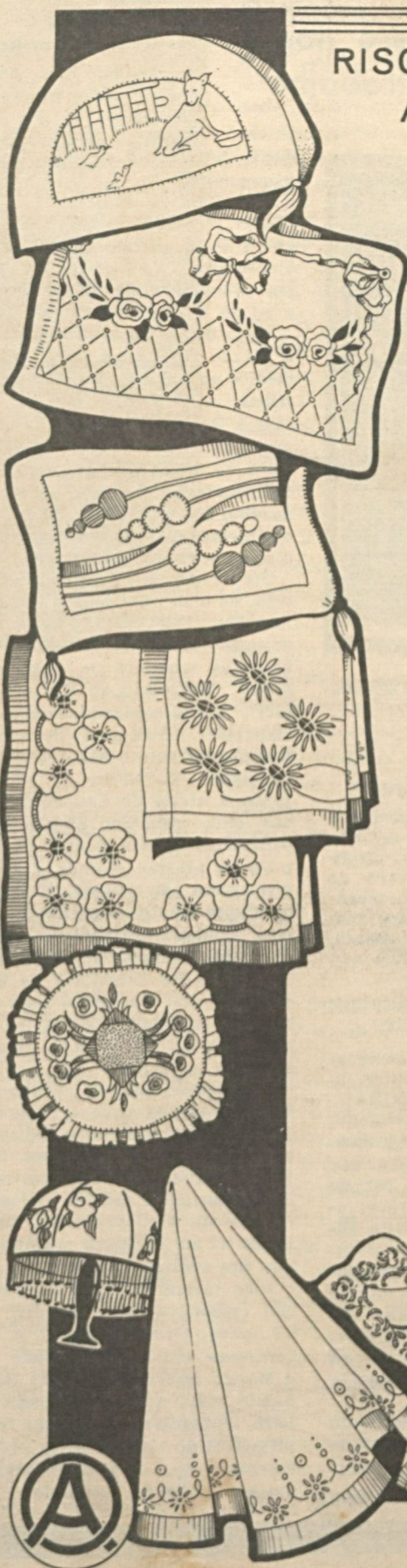
Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque nasceu na cidade de São Salvador da Bahia, a 18 de Agosto de 1870, fallecendo pois com 64 annos incompletos.

Era filho do General Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque e D. Emilina Gitahy Pires de Albuquerque. Formou-se em medicina pela Faculdade da Bahia, recebendo o grau de Dr., com 21 annos de edade.

Logo depois de formado seguiu para o Estado do Paraná, indo servir como medico adjunto do Exercito na Colonia Militar de Xapecó, proximo á fronteira com a Republica do Uruguay. Ali permaneceu varios annos, durante a revolta de 1893 marchou com as forças commandadas pelo então coronel Bernardino Bormann, afim de impedir que as forças federalistas gauchas invadissem o Estado do Paraná.

Serviu depois na guarnição de Curityba, de onde veiu para o Rio de Janeiro. Em 1897 seguiu para Canudos, acompanhando forças que foram combater os fanaticos de Antonio Conselheiro. Regressou ao Rio e depois foi servir durante alguns annos em Florianopolis. Voltando novamente ao Rio, seguiu para o Sanatorio Militar de Lavrinhas, na Serra da Mantiqueira, junto á divisa de São Paulo com Minas, onde trabalhou alguns annos, recolhendo-se a esta capital, de onde não mais se afastou e onde desempenhou differentes commissões. Foi assistente do Chefe do Corpo de Saude do Exercito, Ajudante e Chefe do Deposito do Material Sanitario do Exercito, Chefe de Secção da Directoria de Saude do Exercito, etc. Percorreu toda a hierarchia de sua classe, desde tenente medico adjunto até general, reformando-se como marechal.

Era casado com D. Annita Vincensi Pires e Albuquerque e deixou seis filhos: Ondina, Marina e Laura, professoras municipaes, e Celso, Renato e Paulo, estudantes. Era um estudioso, dedicadissimo á familia, presidindo directamente a educação dos filhos, dos quaes foi um professor cuidadoso e solicito. Era apaixonado cultor das charadas e suas variantes, tendo dirigido a secção respectiva d'O MALHO durante 32 annos. Com O MALHO, o Marechal tornou-se conhecido em todo o Brasil e mesmo fóra do paiz. Era tido geralmente como o maior charadista brasileiro, podendo-se classificar entre os primeiros do mundo, pelos seus pendores naturaes e os grandes conhecimentos que tinha do assumpto.

Arte de Bordar
RISCOS PARA BORDAR E
ARTES APPLICADAS
APPARECE NOS DIAS 15 DE
CADA MEZ
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
RIO DE JANEIRO
ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.
ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.
QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO ARTE DE BORDAR.
A REVISTA, CONTENDO OS DOIS SUPPLEMENTOS SOLTOS, CUSTA APENAS 2$000 EM TODO O BRASIL.
NUMEROS ATRAZADOS DE "ARTE DE BORDAR
DESTA CAPITAL, DAS CAPITAES DOS ESTADOS E DE MUITAS CIDADES DO INTERIOR, CONSTANTEMENTE SOMOS CONSULTADOS SE AINDA TEMOS TODOS OS NUMEROS ATRAZADOS DE ARTE DE BORDAR, PARTICIPAMOS A TODOS QUE, PREVENDO O FACTO DE MUITAS PESSOAS FICAREM COM AS SUAS COLLECÇÕES DESFALCADAS, RESERVÁMOS EM NOSSO ESCRIPTORIO TRAVESSA DO OUVIDOR, 34, TODOS OS NUMEROS JÁ PUBLICADOS, PARA ATTENDER A PEDIDOS. CUSTAM O MESMO PREÇO DE 2$000 O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL E TAMBEM SÃO EMCONTRADOS EM QUALQUER LIVRARIA, CASA DE FIGURINOS E COM TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO PAIZ
Assignatura registrada: 12 mezes 30$000
6 mezes . . . . 16$000—Avulso . . 2$000
PREÇO
2$

A LUZ DOS MORTOS

O Rio inaugurou, não ha muito, a luz electrica nos seus cemiterios. De agora por deante os defuntos não mais terão essa razão de queixa: a falta de conforto nos seus tumulos... A civilisação deste seculo é a mais perfeita e previdente de quantas civilisações ha noticia nos annaes da Terra: tanto cuida dos vivos como dos mortos. Não se limita a fazer arranha-céos: estylisa e aperfeiçôa os cemiterios.

Essa inauguração de agora prova-o de sobejo. Espiritos aferrados a velhas usanças talvez julguem uma irreverencia o illuminar a 120 **volts** os que penetram os sagrados humbraes da Eternidade... Parece-lhes que ao mysterio da Morte vae melhor a luz pallida dos cirios, que choram, na expressão de um grande poeta nosso, á cabeceira dos moribundos, **"um rosario de lágrimas de cêra".**

A luz, muita viva, da electricidade, ha-de ferir a retina que a Morte apagou para sempre, com as suas mãos de treva... Ora, os que assim pensam, esquecem-se de que, ha alguns annos, nenhum defunto de qualidade ia para o cemiterio sobre as rodas ligeiras de um automovel... Quadrava melhor á solemnidade dos enterros o passo lento e grave das parelhas de cavallos... Entretanto, notou-se, depois, que os enterros de tracção animal atrapalhavam muito o transito na via publica.

Havia sujeitos que, mesmo depois de mortos, ainda obstruiam o caminho dos outros...

Dahi os carros funebres a 80 cavallos... vapor. E' mais distincto, e mais commodo: para o defunto e para os vivos... Agora, chegou a vez da reforma da luz. Os cirios, embora poeticos, illuminam fracamente os tumulos. E os ladrões, que não crêem nas almas do outro mundo, começaram a assaltar os cadaveres ricos sob a protecção ingenua das velas de estearina...

Eis por que o Rio resolveu illuminar os seus mortos com lampadas de arco voltaico. Os cemiterios, agora, brilham á noite como se fossem salões de baile... Os defuntos, que nem sempre viveram ás claras, agora **vivem** (é um modo de dizer...) em plena luz... Não é á falta de claridade que elles penetrarão na Vida Eterna...

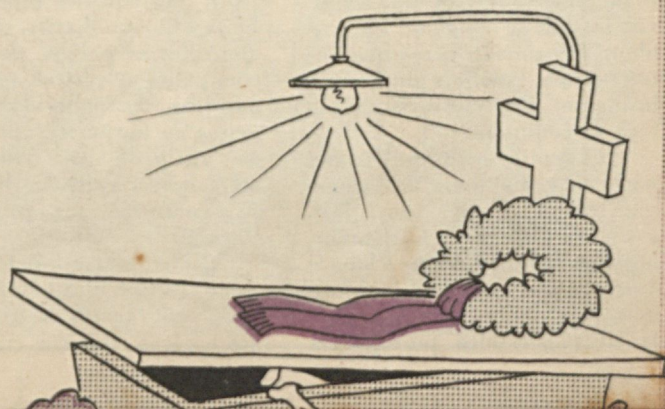
Falta, apenas, uma providencia complementar: que os moribundos segurem, não uma vela de cêra, mas uma lampada electrica, de maior ou menor voltagem, conforme a importancia e a riqueza da familia... Não se admitte que um millionario, possuidor de um automovel de 60 contos, se alumie, á hora final, com uma miseravel vela de 200 reis, dessas que servem para qualquer agonisante vagabundo que anda por ahi...

Que esses ricaços de má morte se amparem em uma lampada de 1.000 velas, para reclamo da sua fortuna e boa illuminação do seu trespasse.

Quando a moda pegar, os capitalistas augmentarão, á porfia, as luzes da sua morte. Teremos, um dia, Rothschilds moribundos aferrados escandalosamente a verdadeiros sóes artificiaes, com medo das trevas eternas e das criticas da imprensa... Nessa hora solemne, apparelhos de radio fixarão os estertores illustres, de modo que os herdeiros tenham, toda a vez que o quizerem, a reedição do **fim**, a certeza amavel da morte...

Radiographias perfeitissimas mostrarão o coração do enfermo no momento exacto da passagem para a outra vida... E, depois, ao som do radio, á luz da electricidade e ao esplendor da Civilisação, esses defuntos endinheirados entrarão, soberbamente, no Outro Mundo, com a recommendação especial desse apparato e o prestigio incomparavel desse luxo...

Resta saber o que o Diabo dirá a tudo isso...

BERILO NEVES

Um Carijó, fidalgo de França

Por LUIZ ANNIBAL FALCÃO

SI, quando revemos os documentos da nossa historia da epocha colonial, encontramos muitos factos interessantes e dignos de nota, difficilmente descobriremos aventura mais original do que a de Essomericq, indio Carijó, que o capricho do destino foi tornar fidalgo de França. Não se trata de uma lenda nem de uma dessas anecdotas historicas em que a ficção e a phantasia disputam á realidade. São factos veridicos, comprovados por documentos indiscutiveis.

E' sabido que muitos indios brasileiros foram levados á Europa, onde causaram uma sensação facil de se imaginar. Mas nenhum foi, como o heróe que ora nos occupa, fadado a um fim tão brilhante, tão imprevisto e tão fóra do commum.

O gentilhomem de Dieppe, na França, Paulmier de Gonneville e dois amigos seus, Jean l'Anglois e Pierre le Carpentier, ousados companheiros de longas e arriscadas expedições maritimas, não tinham visto sem inveja os negociantes portuguezes descarregarem nos caes de Honfleur "as bellas riquezas de especiarias e outras raridades", trazidas das terras recem-descobertas. Resolvidos a tentar fortuna, para não chamar a attenção da Hespanha e de Portugal, (as duas nações que se haviam attribuido a exploração exclusiva das novas terras) armaram um navio de cento e vinte barris, **l'Espoir**, e tendo contrahido os serviços dos pilotos portuguezes Sebastião de Moura e Diogo Colnuto, fizeram-se á véla rumo ao Novo Mundo em 24 de Junho de 1503.

E' preciso recorrer á "Declaração da Viagem" do capitão de Gonneville para saber as minucias dessa jornada, fertil em incidentes de toda sorte, mas que não nos cabe narrar aqui. Basta indicar que a travessia do Atlantico não correu muito feliz, pois, apenas passada a linha equatorial, foi a tripulação atacada de escorbuto, perdendo diversos dos seus arrojados componentes. Depois de innumeras vicissitudes, conseguiam afinal os marujos de Honfleur alcançar a costa do Brasil em 5 de Janeiro de 1504, depois de quasi seis mezes de navegação.

Não é possivel determinar com precisão o ponto onde desembarcaram os Normandos, pois Gonneville se limita a dar como referencia a existencia de um rio "parecido com o Orne", o qual tanto póde ser o Iguape, como o Paranaguá, o Mambituba ou o Rio Grande do Sul. Apenas se póde saber com certeza que a região era o sul do Brasil e que os seus habitantes eram os Carijós.

Nossos indios reservaram aos francezes uma recepção cordial, o que vem comprovar que se tratava effectivamente de Carijós, cuja doçura de caracter fel-os chamar pelo chronista portuguez do seculo XVI, Vasconcellos: "a melhor nação do Brasil." Os bugres nunca tinham visto nenhum europeu e não se cansavam de admirar o navio e os diversos utensilios que o guarneciam. Gonneville, por seu lado, estava encantado, pois, a troco de pequenos espelhos, de facas e quinquilharias, conseguia abarrotar os porões do **Espoir** com pelles sylvestres, pennas de passaros desconhecidos e madeiras de tinturaria, um stock de "mais de cem quintaes de mercadorias valendo bom preço", conforme sua propria declaração.

Refeitos das fadigas da viagem, fortalecidos pelo bom clima e pela fartura de frutas, peixes e caças trazidos em abundancia pelos Carijós, os navegadores preparam-se para a volta. Era costume então levar á França um ou diversos indigenas como prova viva da viagem. Gonneville não ia deixar de respeitar essa tradição. Conversando com o cacique da tribu que o acolhera, chamado Arosca, convenceu-o que lhe entregasse um dos seis filhos, um rapaz de seus quinze annos, Essomericq, que lhe chamára a attenção pelo ardente desejo que demonstrava em iniciar-se aos usos europeus. Essomericq e o pae não levantaram muitas difficuldades; bastou que se lhes promettesse que o rapaz seria instruido na arte da artilharia, que os indios cobiçavam ardentemente para poderem vencer os seus inimigos, e fez-se o accordo. Não quiz, entretanto, Arosca entregar o filho a estranhos sem lhe dar um companheiro, e assim ficou resolvido que com elle partiria um indio de edade madura, chamado Namoa. Gonneville comprometteu-se a trazel-os de volta dentro do prazo de vinte luas, que é assim que os indios contavam os mezes, e o **Espoir** levantou ferros.

A viagem de retorno não foi, tampouco, favoravel. Namoa, atacado de escorbuto, falleceu em alto mar, com varios outros tripulantes. Essomericq, victima do mesmo mal, foi baptisado quando já o julgavam perdido, logrando todavia escapar da morte. O **Espoir** largára a 3 de Julho de 1504; a 10 de Outubro, fez escala num logar montanhoso e coberto de florestas, habitado por Tupinambás, que receberam os francezes com hostilidade, matando um delles e aprisionando dois, os quaes foram provavelmente figurar num banquete anthropophagico. Deante dessa attitude, Gonneville julgou preferivel seguir viagem, indo escalar na ilha de Itaparica, onde os navegadores foram bem acolhidos pelos indigenas. Proseguindo na sua róta, o **Espoir** singrou para o Velho Mundo.

Já se avistavam as costas de França, já todos anteviam o dia feliz do desembarque, quando dois corsarios, o inglez Edward Blunt e o bretão Mouris Fortin, de tocaia na entrada da Mancha, atacaram-n'os de surpresa. Gonneville e os seus companheiros defenderam-se da melhor maneira, mas, inferiores em forças, tiveram que recorrer á fuga, indo encalhar na costa onde o **Espoir** se perdeu com toda a sua preciosa carga. Dezeseis normandos haviam perdido a vida na refréga. Da bella aventura e das riquezas trazidas de tão longe, nada restava. Apenas, como prova da longa jornada, subsistia o joven Essomericq, que foi levado a Honfleur, onde alcançou o successo de curiosidade que se póde avaliar.

O Almirantado teve a feliz idéa de pedir a Gonneville que fizesse uma relação completa da viagem, tarefa de que se desincumbiu o capitão com os seus tenentes Adrien de la Mare e Antoine Thyéry, num documento intitulado "Declaração da Viagem do capitão de Gonneville e seus companheiros", graças ao qual nos é dado conhecer os acontecimentos que acabamos de narrar. Essa "Declaração" concorda, aliás, em todos os pontos, com o **processo-verbal** de 19 de Julho de 1505, feito pelos membros do Almirantado.

Depois do tragico desfecho da sua viagem, Gonneville não conseguiu nunca voltar ao Brasil, e assim o cacique Arosca jamais poude revêr o filho. Deste, entretanto, conhecemos tambem a historia por um outro documento, que é o "Memorial apresentado ao Papa Alexandre VII por J. Paulmier de Gonneville, **padre indio** de Lisieux, datado de 1563.

Este clerigo, que em todos os documentos que firmava, sempre se intitulava "padre indio", timbrava em usar esse titulo por ser filho de Essomericq e ter, por conseguinte, sangue carijó nas veias.

Com effeito, Gonneville, que servira de padrinho ao filho do cacique Arosca, levou muito a sério essa qualidade, e, na impossibilidade de devolver o joven indio ao pae, conforme solemnemente promettera, fez tudo quanto estava ao seu alcance para fazer-lhe esquecer o seu exilio. Tratou de lhe dar uma boa educação com os melhores mestres da Normandia, e, em 1521, dava-lhe a sua filha Suzanna em casamento. Abandonando-lhe parte da sua fortuna, transmittiu-lhe ainda, para si e seus descendentes varões, o seu nome com o brazão dos Gonneville.

E foi assim que o indio Carijó Essomericq, filho do cacique Arosca, tornou-se senhor Paulmier de Gonneville, gentilhomem francez.

Illustrado por
CICERO VALLADARES

A VISITA DO PRESIDENTE GABRIEL TERRA AO BRASIL

O Presidente Gabriel Terra e o Ministro do Exterior do Uruguay descendo a escada do "Augustus".

O Presidente do Uruguay agradecendo as acclamações populares.

O cortejo presidencial ao entrar na Avenida Rio Branco.

Os dois presidentes passando revista á Escola Militar.

No Reino da Psychanalyse

As indiscreções de um boneco de molas

Por Francisco Galvão

...mpre a gesticular, bradando contra os desmandos", é o desejaria o deputado Konder, collocando "Tupo" na posição em que se vê.

O professor madrileno Gomes Ferrer, director de um serviço de creanças anormaes, membro titular do Tribunal de Valencia, descobriu uma novidade sensacional, um boneco de mola, que em mãos de qualquer pessoa lhe definiria o caracter e as tendencias psychologicas.

O boneco toma a posição que se deseja.

Confirma as suas declarações o professor Hans Pjowsky, de Vienna.

Disposto a comprovar as theorias de psychanalyse dos sabios, tomei por emprestimo um curioso boneco de mola no Bazar Internacional e puz-me em campo. "Tupo", dentro de uma caixa, sahido de uma casa de brinquedos, ignorava a sua sorte.

Ferrer garantia-me que o fantoche seria posto em posição que reflectisse o estado emotivo do paciente. A "bola" era das mais interessantes. Chamei o photographo e corri no carro, com as minhas notas, a procurar, antes de mais ninguem, o grande psychiatra que é o professor Austregesilo, em seu consultorio.

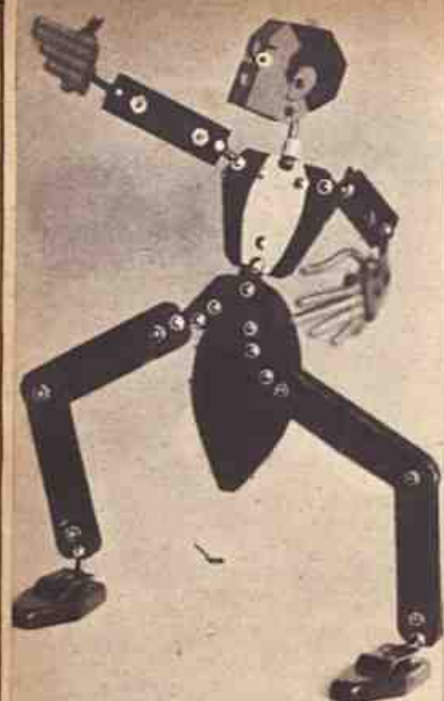
O eminente mestre, que acaba de publicar "Viagem Interior", pegou de "Tupo" e o poz do modo que se vê — a olhar para si — revelando bem a sua attitude mental de sempre, como escaphandrista das emoções humanas. Os pés abertos e em ordem de marcha, os braços abertos tambem.

Austregesilo exige, para o accesso "á estratosphera dos ideaes, a lampada movediça da curiosidade e da intuição". Nas viagens interiores, que realiza investigando a alma humana, elle requer esta marcha, e esta disposição de espirito, reflectida no boneco.

Depois, procurei Rosalina Coelho Lisboa, a grande poetisa.

A mais culta dentre as mulheres brasileiras pol-o, erecto e marcial, orgulhoso e forte, em pé, sem dobras, nem curvas de espinha.

O Sr. Herbert Moses desejaria poder descansar da agitação em que vive.

"Constantemente em marcha para o Ideal", é o que imagina Procopio.

Tupo, o boneco que entrevistou tanta gente.

Como se recordasse os seus versos maravilhosos do "Rito Pagão":

"Tenho sede de infinito na minha [alma,
Trago o orgulho dos deuses no meu [peito".

"Tupo" em cima da mesa reflectia bem esse verso. Ou aquelle em que ella aconselha ao proximo não acurvar o Orgulho nem a Felicidade, se ella vier.

Procopio? Seria curioso descobrir o que pensava o creador de "Cuick". O animador da cidade estava no escriptorio da sua empresa no Casino.

"Tupo" toma a posição de um agitador, em suas mãos.

"Precisamos reformar tudo isso. Está tudo errado". Eis o que revelava a alma de Procopio, na indiscreção do fantoche.

E elle diz-me:

"Essa, a attitude de toda a minha vida: constantemente em marcha para o Ideal". A attitude oratoria está em razão de ser com o seu theatro de declamação.

O Sr. Herbert Moses é um dynamo. Vibra de mais. Está aqui, ali, em toda a parte. Imaginei que seria interessante ver como elle receberia "Tupo". No seu escriptorio, á rua do Rosario, encontro-o afobadissimo, com hora marcada para um banquete. Irrequieto, apanha-o e senta-o. Senta-o, com uma vontade de demonstrar o seu mais serio desejo, a sua maior aspiração:

"Ah! Se eu pudesse descansar! — diz-nos o presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Comprovando bem as suas palavras, nem ao menos para o photographo teve tempo de sentar-se, o que seria uma "pose" em descanso.

"Não acurves o teu orgulho, nunca — é o que pens Rosalina Coelho Lisboa".

Agora, sómente me serviria um politico. Entre os governistas? Da esquerda? Passa-me, perto, descendo de um omnibus, na Galeria, o deputado Adolpho Konder, de Santa Catharina. Não pensamos mais no caso partidario e aproveitamos a "chance".

Moço, cheio de vida, de agitação, de belleza, elle seria uma admiravel fonte de observação. Vejamos. O "test" psychologico de um esquerdista sempre é procurado pelo publico. Entramos num rapido, e elle "posa" ao lado de "Tupo", recurvando-lhe o busto, e levantando-lhe o braço, como se discursasse contra os erros do regime.

"Sempre a gesticular, bradando contra os desmandos".

O publico verá como me foi possivel, dentro de uma tarde, confirmar os pontos de observação do incançavel professor de Valencia e do sabio de Vienna. O boneco commetteu as maiores indiscreções. Não avisei aos entrevistados por "Tupo" do que desejava colher. Entreguei-o, sem explicações, e emquanto elles procuravam armal-o, mandei que se batessem as chapas, que registraram o flagrante da psychanalyse de cada um dos amaveis pacientes.

A theoria de Ferrer e de Hans conseguiu ser revelada, sem muito trabalho. Admirem as posições de "Tupo" — o felizardo que, tendo estado ao sabor de mãos tão agitadas e nervosas, tambem sentiu o afago das mais lindas mãos — e vejam se a doutrina de psychanalyse está ou não confirmada.

O professor Austregesilo, colloca o boneco, com um sorriso.

HOMENAGEM AO DEPUTADO PAULO FILHO

GRUPO feito por occasião do almoço offerecido ao deputado e jornalista, Dr. Paulo Filho, director do *Correio da Manhã*, pela sua brilhante actuação na Constituinte, em favor da orthographia usual do povo brasileiro, que, afinal, sahiu plenamente victoriosa. O agape realizou-se no Lido, e nelle tomaram parte figuras de relevo dos nossos meios intellectuaes, jornalisticos, sociaes e politicos.

Politica do Districto Federal

ASPECTO apanhado durante a ceremonia da inauguração do retrato do Dr. Pedro Ernesto, presidente do Partido Autonomista do Districto Federal, na séde do Directorio da Lagoa (Botafogo).

O NOVO CARTORIO DA D. G. I.

FOI muito bem recebido o acto do Sr. Chefe de Policia do Districto Federal, nomeando director do Cartorio Geral de Investigações, recentemente creado, o nosso brilhante collega de imprensa, Dr. Annibal Martins Alonso.

Secretario da redacção do *Jornal do Brasil* e Procurador da Associação Brasileira de Imprensa, o Dr. Annibal Martins Alonso é uma figura destacada do nosso jornalismo.

Na policia, esse nosso confrade tem desempenhado varias commissões importantes, já como delegado do 15° Districto, já como membro da commissão revisora dos limites das jurisdicções policiaes — reforma esta que acaba de ser posta em execução.

No Automovel Club, quando do almoço offerecido ao jornalista Annibal Bomfim, por seus amigos e admiradores, commemorando a passagem do seu anniversario natalicio.

AS TRES EDADES

No caminho todo florido de rosas, ao amanhecer da vida, os dois petizes se defrontaram, numa encruzilhada, tendo vindo por oppostos caminhos.

Ella, com um rico laço de seda encimando a cabecinha loura, levava nos braços a sua bonita boneca de porcelana. Elle, rodando com ufania um arco de metal cheio de guizos joviaes, corria pelas aleas da chacara.

— Sabes que é o amor? — perguntou a menina, os lindos olhos claros banhados de innocencia.

O rapazito, detendo por um instante a corrida louca em que ia, a face afogueada, respondeu, a rir:

— Não sei, nem quero saber

E abalou, como um inconsciente brinquedo vivo...

* * *

E' á tarde, longe ainda das melancolias do crepusculo.

Na natureza e nas creaturas ha o esplendidor de uma unanime maturidade.

São particularmente saborosos os pomos que pendem das ramadas, em generosa offerta. As arvores estão contentes...

Já são grandes as creanças de hontem. E' a vida que róla, no seu incessante afan de multiplicação.

E eis que se encontram face a face os que estão fruindo a plenitude maravilhosa da mocidade, na completa posse dos thesouros sentimentaes, na inteira intelligencia da alegria de viver.

E' elle quem agora pergunta, a alma transbordante de ventura:

— Que pensa do amor, querida?

E ella, sem falar, beijou-o na bocca, numa resposta que a ambos parece definitiva.

* * *

Luar. Tudo estará branco no antigo parque. As estatuas de marmore ainda mais alvas ficarão. Os raios da lua irão pôr tremulinas nas aguas dos lagos, espetar penhascos de prata ao alto dos repuxos e dar entrada a fantasmas côr de neve nas sombras baixas dos bosques de frondes estanhadas.

Tremulos, estranhos como dois espectros, mortalmente lividos ao palor do plenilunio romantico, estacarão os dois, desconfiados, indecisos, carregando com difficuldade o peso da experiencia, á beira dos buxos que fazem a volta ao solar.

— E o amor? dirá ella, levando aos olhos o seu *lorgnon* de Marqueza, em um derradeiro gesto de *coquetterie*.

Mas, apoiado ao bastão alto, com o punho de ouro, enlaçado em seda, elle apenas murmurará, proseguindo a marcha tropega:

— Não falemos nos mortos. O melhor sempre é esquecer...

Oscar Lopes

Uns Granitos Côr de Aço

PAULO SETUBAL

No aspero cenario do bandeirismo surge neste momento o nome de Taubaté. Taubaté! Colmeia atrevida de rompedores-de-mato, aquela humilde terreola, plantada toscamente á bôca do sertão, foi o mais decidido fóco irradiador da conquista do ouro. Taubaté! Eis a velha e nobre celula-mater do atual Estado de Minas Gerais. Nas veias da gente mediterranea corre, ha trezentos anos, o sangue crioulo dos taubateanos buscadores de riquezas. Esses taubateanos, de cujos apelidos provêm os apelidos das familias mais vetustas das montanhas mineiras, esses sertanejos encoscorados, de botas altas e gibão de couro, foram os que, com as suas entradas á busca de minas, ajuntaram, ás paginas fulgidas da Historia do Brasil, uma das suas paginas maiores e mais galhardas.

Daquele Taubaté, pois, do rude povoado aventureiro, partiu um dia a bandeira de Arzão. Partiu com cincoenta homens apenas. Nada de espaventos, nem de missas, nem de repiques de sinos, nem de estrondos de ronqueiras. Arzão quis partir sem ruido. E a bandeira dele, discreta e silenciosa, penetrou com desassombro a terra dos Cataguazes. Penetrou-a á procura da unica riqueza certa que, por essa época, havia dentro das selvas; indios. Arzão — curioso detalhe! — não partiu á cata de ouro. Os granetes de lavagem, que Garcia Pais e padre Faria haviam encontrado, não o seduziram. Arzão, homem pratico, queria riqueza menos visionaria. E por isso saiu de Taubaté com o fito chão de prear bugres... "...Antonio Rodrigues Arzão, natural e morador da Villa de Taubaté, fez hua entrada no certão da Casca, á frente de cincoenta homens, com o só projeto de conquistar indios..." (1).

Uma Bandeira no sertão, segundo o "El Dorado" de Paulo Setubal.

Principia, rumo á aventura, aquele suado peregrinar de todas as bandeiras. Aquele mesmo romper matos e vadear aguas. Aqueles mesmos trabalhos inenarraveis, de pasmar a gente, que os paulistas realizavam com tão assombrosa naturalidade.

Certo dia, andando por uns espigões de serra, dentro de cenario majestosamente fragoso, a bandeira do taubateano estacou. Um pouco além, mais alterosa ainda, a tapar o horizonte, outra e soberba corda de serranias abauladas. Em frente a essas serranias, face a face a uma lomba altaneira, muito azul, que curvejava no céu claro, Arzão arranchou as barracas do acampamento. Nessa lomba, bem no cimo, havia uma grande pedra atrevida. E junto a essa pedra atrevida havia outra mais minguada, que se lhe aconchegava amorosamente á ilharga. A esse bloco, ou melhor, e simplesmente, a essa *pedra*, que ao depois se tornou tão famosa, é que os selvagens da região chamavam pitorescamente — Itacolomi. Isto e: a *Mãe-com-o-Filho*. Entre as duas serras, no longo vale que se lhes estendia de permeio, serpenteava um ribeirão de aguas sujas, fundo, a rolar sobre um leito de seixos negros. Chamavam-no: *Tripuhy*. Pois foi naquele sitio, em frente á "Mãe-com-o Filho", nas barrancas do Tripui, que ocorreu um fato pequenino, banal, que teve consequencias importantissimas.

Ia na entrada, entre aqueles cincoenta homens, um personagem insignificante, peão como os demais peões, inteiramente obscuro e sem relevo. Era mulato. Chamava-se Duarte Lopes. Ora, saindo casualmente a buscar agua no ribeirão, o mulato deu com certos granitos escuros, côr de aço, que achou bastante singulares e destoantes. Guardou-os na sacola de couro. Guardou-os por simples curiosidade. Guardou-os como guardara, durante a jornada, todas as pedras de côr que ia catando pela beira dos ribeirões. Por causa daqueles pobres estilhaços — eis o capricho do destino! — tem hoje esse mulato um lugar marcado na pagina inicial da Historia de Minas Gerais (2).

Como? Narre-o, com o saboroso da sua linguagem, e, mais do que isso, com seu depoimento insubstituivel e valiossimo, o jesuita Antonil, contemporaneo de tais descobrimentos: "...o primeiro descobridor, dizem, foi um mulato, que já havia estado nas minas de Parnaguá e Curitiba. Este, indo ao sertão com alguns paulistas a buscar indios, e chegando ao serro Tripuhy, desceu abaixo a tomar agua no ribeiro que agora chamam de Ouro Preto; e, metendo a gamella na ribanceira para tirar a agua, roçando-a pela margem do rio, viu que nela ficaram uns granitos da côr de aço..." Que diabo de granitos seriam aqueles? Eram, com aquela sua côr de aço, uns granitos na verdade extraordinarios. O mulato não atinou com o que eles fossem ao certo. E guardou-os "sem saber o que eram; e nem os companheiros souberam conhecer e estimar o que elle tinha achado tão facilmente; só cuidaram que ali havia um metal não bem formado, e, por isso, não conhecido (3).

O achado, bem se vê, fôra sem importancia. Apenas um metal não bem formado. Uns granitos atoa, côr de aço, nada mais. Que é que valia aquilo? Coisa nenhuma! E Arzão, que viera á cata de bugre, e não de ouro, levanta o acampamento daquela paragem. Deixa a "Mãe-com-o-Filho". E continua, tenaz e porfiado, com o fito no indio, a sua rota agreste. O mulato, com estilhaços escuros na sacola, parte com o sertanista pelo sertão a dentro.

A entrada bota-se a perambular erratica por aqueles silvedos bravos. E foi, durante dois anos, dois longos anos penosamente vividos, um padecer desesperado e sem treguas: febres ruins, ares pestiferos, flechaços de bugres, picadas de cobra, mortandades de gente, féras, todo o horrorizante e espantoso ról das miserias e dos sofrimentos do sertão. Enfim, exhausta, já quasi dizimada, a bandeira envereda-se rumo á serra dos Arrepiados. E' nessa altura que topa o taubateano com a rancharia duns indios chapados "puri". Entraram todos, mamelucos e bugres, em cordiais avenças de amizade. Os indios, que eram de boa paz, conduzem Arzão a um rio de aguas claras, não grosso, que corria lento por entre seixos. E' o rio Casca. Os selvagens apontam ao bandeirante as areias claras:

— Ouro...

Arzão manda provar o ribeiro. As gamelas de pau mergulham celeres na correnteza. E eis que, ás primeiras bateadas, recolhe Arzão, com surpresa, algumas oitavas de granetes amarelos.

— Ouro!

Sim, ouro. Feliz e alvoroçante era o achado, não havia duvida! Mas grande e arrasadora era tambem a ruina da entrada. A bandeira de Arzão esfrangalhara-se toda. A impiedosa jornada, com as suas pestes e fomes, com as suas fadigas e trabalhos, havia devorado quasi por completo aqueles escassos cincoenta homens que partiram de Taubaté. Já não restava mais deles senão meia duzia de caboclos. E que caboclos? Todos roidos de doenças, quebrados, escaveirados, mais fantasmas do que homens. Embora! O sertanejo, soerguendo o animo, atirou-se com eles ao trabalho da cata.

Borba Gato e o governador Arthur de Sá, na nova obra de Paulo Setubal.

— Tóca a provar o ribeiro, moçada! Tóca a batear esse ouro...

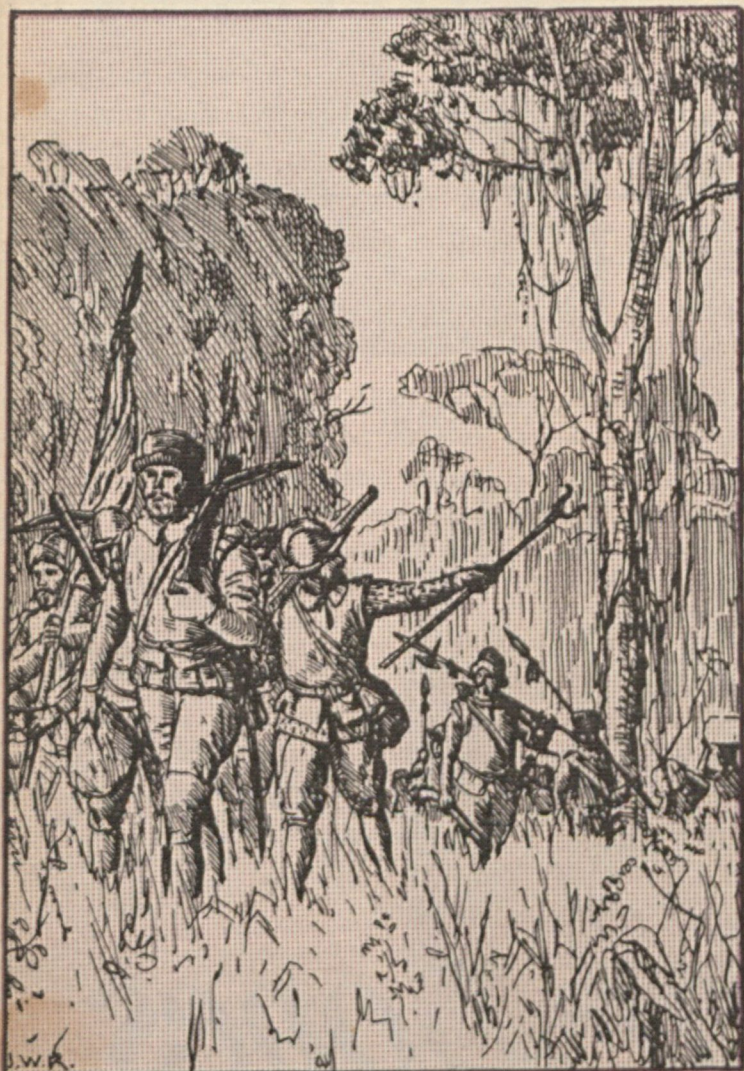
Arzão é agora uma alegria só! Todo cintila de esperanças... Mas ai! — o contentamento do descobridor é fugaz. E' fugacissimo. Ali, no Casca, ao dar com tão inesperadas pepitas de ouro, eis que, como remate ás desgraças e ás ruinas da sua jornada, o taubateano amanheceu um dia batendo o queixo no rancho. Que é? Foi uma voz só:

— Tremedeira!

Sim, era a tremedeira. Era a terçã. Que fazer agora? Arzão carecia, para se livrar dela, deixar imediatamente o sertão. Voltar. Mas voltar para onde? Para Taubaté? Impossivel! A cidade nativa do bandeirante ficava longe de mais. Arzão, a arder de maleita, não podia aventurar-se aos riscos de tão dilatado jornadeio. Como resolver? Os puris aconselharam ao taubateano a demandar as costas do Espirito Santo. O Espirito Santo distava pouco daquelas paragens. Os indios prontificaram-se a conduzi-lo numa rêde até lá. Arzão ouviu os aliados e aceitou o conselho. E lá partiu, aos ombros dos bugres, batendo o queixo, a caminho da cidade maritima.

(1) — Noticia compilada pelo Coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça, resumida por M. J. P. Silva Pontes.

(2) — "Os primeiros sertanistas de S. Paulo informam que um Duarte Lopes, fazendo experiencia num ribeirão, etc., etc...." — diz o relatorio fidedigno de Rabelo Perdigão ao governador Artur de Sá (Rev. Inst.).

(3) — Antonil. "Opulencia e Grandeza do Brasil por suas drogas e fructos".

A SAGRADA FAMILIA, de Raphael. A lenda conta que foi um quadro de Raphael que inspirou a vocação de Correggio.

O LYRICO DO PINCEL

Por

DE MATTOS PINTO

(Especial para O MALHO)

Antonio Allegri nasceu em Correggio, uma cidade como outra qualquer que estava, no seculo XV, sob a jurisdicção do Principado de Modena. A sua gloria consiste em ter visto nascer uma das almas mais harmoniosas da Italia. Como se operou a fusão? O pintor transbordou da cidade, conquistou-lhe de tal forma o nome, que ao ouvirmos falar de Correggio, ninguem se lembra do local, todos se recordam do ente solitario, do artista, do coração melancholico, que nos legou a dadiva da CARIDADE. Todos se recordam da VIRTUDE HEROICA, onde a riqueza de movimento, a opulencia de expressões, dizem da vida que ha nas figuras de Antonio Allegri, chamado o CORREGGIO, cujo quarto centenario da morte se commemora na Italia.

LYRICO DA PINTURA

Admira-se em Correggio a poesia interior que dimana dos seus themas. Elle soube traçar com elegancia os membros e o contorno do corpo, imprimiu uma perfeição completa ao semblante. Original e gracioso, diffundiu nas composições as formas ethereas da idealidade, sem abandonar as linhas humanas. Quem se lembra mais, vendo a cabeça ondulosa das suas mulheres, dos apagados instructores, Giovanni Berni, Battista Marastoni e Gambattista Lombardi, com quem se pretende que elle aprendeu theoria, letras e anatomia? Desappareceram com o tempo. Contemplando-se o HOMEM SENSUAL, com a allegoria de sensações, de appetites, de vozes lascivas, pergunta-se qual a anatomia, quaes as letras, qual a rhetorica, que fazem a eloquencia de Correggio? São regalias da alma, que não se aprendem com os pedagogos.

SIMPLICIDADE E TIMIDEZ

Casado com Girolama Merlini, a quem a natureza havia dado uma alma sensivel, interiormente profunda, como si quizesse purificar ainda mais a innocencia dos seus dias, Allegri viveu uma vida quieta e espiritual, silenciosa e buddhica, que muito concorreu para revestir a sua pintura desse tom symbolico, de quem vislumbra as cousas, de dentro para fóra. Talvez por isso, Correggio não conheceu, como Raphael e Ticiano, as festividades, as adulações, o amparo e o carinho dos poderosos.

A ternura da sua pessoa não impediu jámais que elle impregnasse de calor e de realeza as suas creações. Assim pensa Vasari, para quem não se pode sobrepujar o colorido de SÃO JERONYMO. Tendo saboreado a perfeição intima da natureza, não se sabe como aprendeu a crear os sêres mysticos e naturaes, com uma limpidez e uma innocencia, que se confunde com o hausto do pantheismo.

SANTA MARGARIDA, de Ticiano, que foi com Correggio, uma das glorias da Renascença.

O mysticismo de Correggio na creação da VIRGEM, O MENINO E SÃO JOÃO.

MYSTICO DA ARTE

Com razão fala Gregorio Orloff das suas figuras inimitaveis.

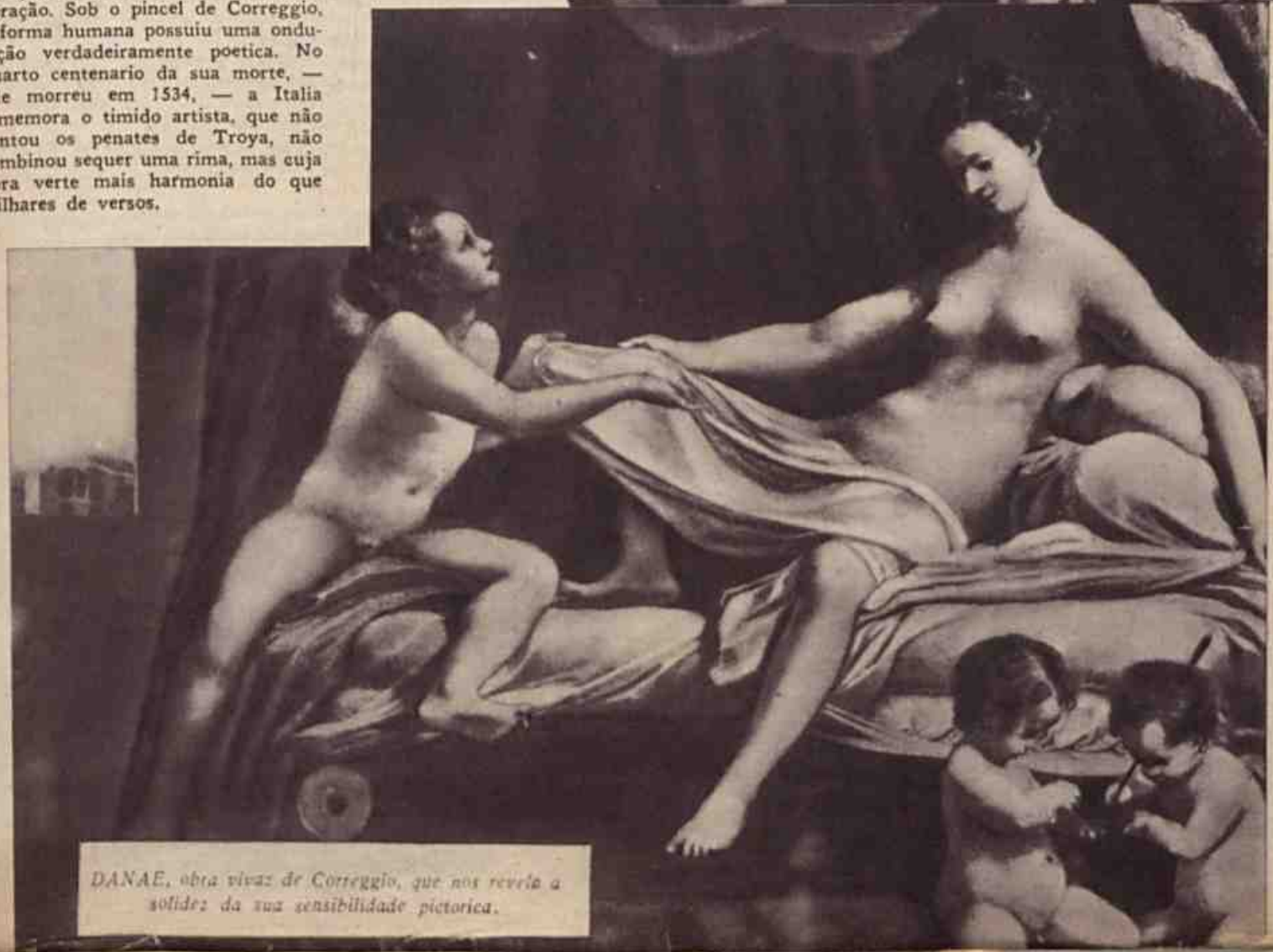
A idealidade possuiu essencialmente Correggio. Tudo indica, que elle era dotado de um adoravel mun-

do interior, que amou a sua arte, como authentico mystico. A NATIVIDADE é toda uma melodia de uncção. Ha tanto movimento e extasis naquelles rostos, que nos fazem esquecer qualquer ficção religiosa. A antiguidade encontrou em Correggio o pintor adequado para fundir o mytho com a natureza, para casar a graça do sonho com a vivacidade do corpo. Algumas extravagancias poeticas, que se notam nos seus semblantes não parecem advir do excesso de sentimento, que fazia elle conceber as creaturas como que perpetuamente enlevadas?

ENTRE OS SYMBOLOS CELESTES E AS ALEGRIAS DA TERRA

Longe de Roma, o pintor lombardo representou algumas visões do paganismo, como DANAE e o SOMNO DE ANTIOPE, mas nem por isso deixou de reviver o DESCANÇO NO EGYPTO e a VIRGEM ADORANDO O MENINO.

Poude assim ser differente, profano e mystico, convivendo com os symbolos celestes, passeando entre as alegrias da terra. Conseguiu se tornar ao mesmo tempo, para usarmos do proloquio de Orloff, o pintor da moral e das graças, da virtude e dos prâzeres, dos sentimentos e do coração. Sob o pincel de Correggio, a forma humana possuiu uma ondulação verdadeiramente poetica. No quarto centenario da sua morte, — elle morreu em 1534, — a Italia rememora o timido artista, que não cantou os penates de Troya, não combinou sequer uma rima, mas cuja obra verte mais harmonia do que milhares de versos.

A VIRGEM DE SÃO JERONYMO, de Correggio, a grande alma poetica da pintura no seculo XVI.

DANAE, obra vivaz de Correggio, que nos revela a solidez da sua sensibilidade pictorica.

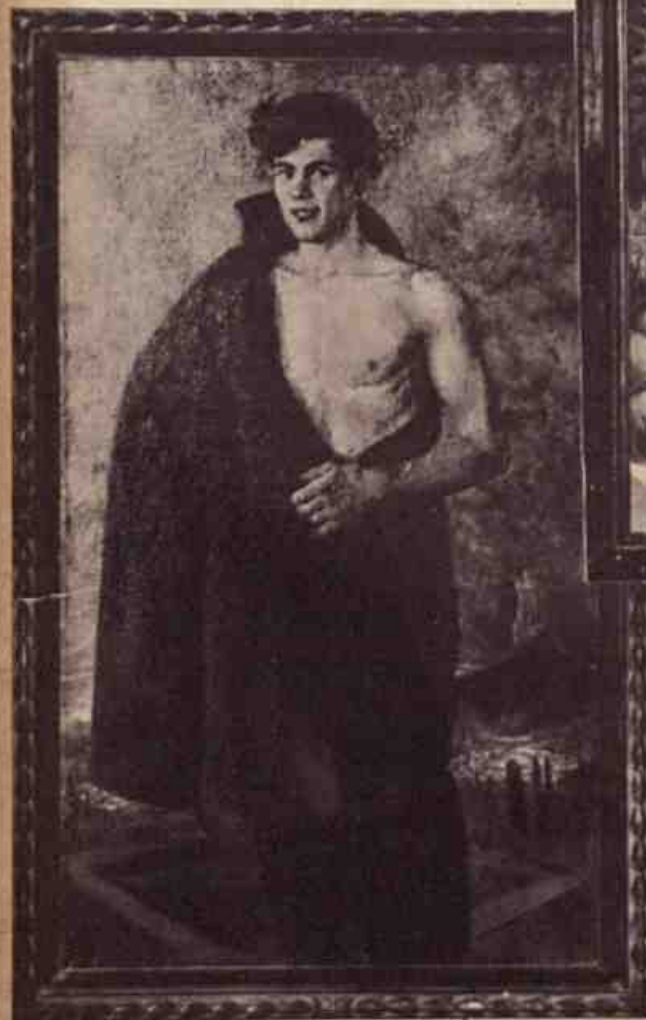
OS CANDIDATOS AOS PREMIOS DE VIAGEM DO "SALÃO" DE 1934

"O Samba", de Manoel Faria

"Defumando", de Joaquim da Rocha Ferreira.

GRAÇAS aos esforços heroicos dos nossos artistas, o "Salão" de 1934 ahi está. Não representa quanto poderiamos realizar na pintura e na esculptura, visto em conjunto deixa mesmo a desejar. Mas, visto cada envio, não se póde deixar de louvar muita intelligencia e muito boa vontade. A nota mais dolorosa da amostra annual nol-a dá, infelizmente, a Escola Nacional de Bellas Artes, que forçou os artistas a installar o "Salão", na Pinacotheca, emquanto transforma as salas construidas especialmente para aquelle certamen, em salas de aulas do curso de architectura.

O crime da Escola merece o protesto dos artistas, do Conselho e das sociedade artisticas. E uma reparação por parte do proprio governo.

"São Francisco de Assis", de Luiz Kattembach.

"Retrato", de Hernani de Irajá.

"Après le rêve", de Humberto Cozzo.

Aos Premios de Viagem á Europa e aos Estados, concorreram os pintores Armando Vianna, Orlando Feruz, Padua Dutra, Levino Fanzeres, J. Rocha Ferreira, Vicente Leite, Hernani de Irajá, J. Azeredo, Euclydes Fonseca, Cadmo Fausto, Gastão Formenti, Luiz Kattembach, A. Naddeo e Oswaldo Teixeira. E os esculptores Humberto Cozzo, Honorio Peçanha e Bibiano Silva.

Dos pintores concurrentes não ha grande coisa a destacar.

Elles parece que trabalharam sem procurar fazer jús ao Premio. Expõem.

Se se fosse destacar o que vimos citariamos: o formoso quadro de Cadmo Fausto, a marinha de Vicente Leite ou a "Resurreição de Lazaro", de Levino Fanzeres?

Melhor será não destacar nenhum, deixar que o publico os admire e o jury premie o esforço mais digno de recompensa.

"Cosme Velho", de Gastão Formenti.

"Feira do Norte", de Euclydes Fonseca.

"Jangadeiros", de Vicente Leite

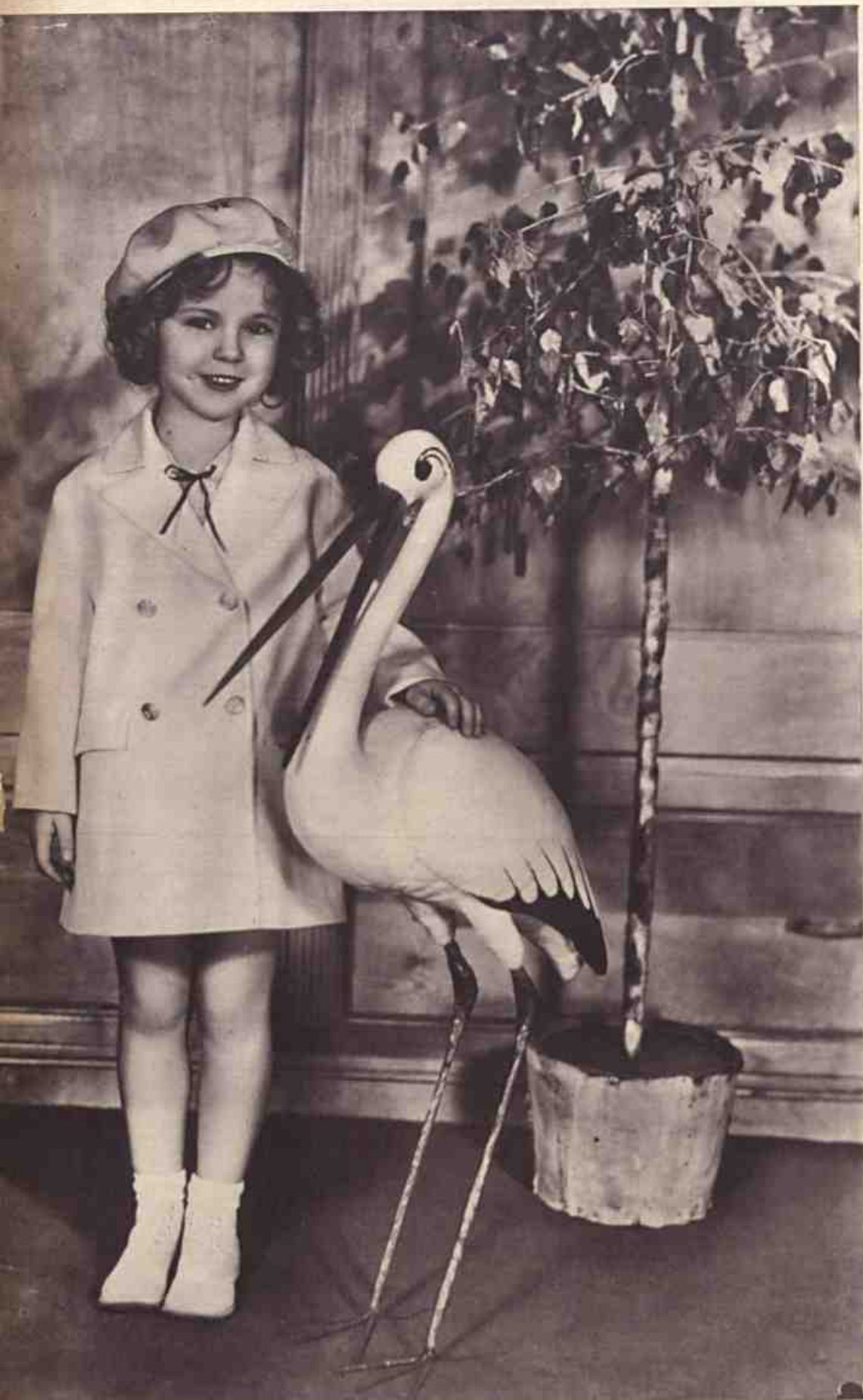
"Marinha", de Cadmo Fausto.

"Novo Prometheu", de Honorio Peçanha.

"Estatua", de Herculano

"Paizagem", de J. de Azevedo.

O Jury do actual "Salão", fazendo funccionar a "guilhotina".

DE CINEMA

Shirley Temple ás vezes é creança...

O novo e grande astro da Fox, que suporta as maiores responsabilidades (vide Follies de 1934) torna-se de vez em quando creança. Seus brinquedos enchem-se, então, de espanto e abrem o bico em ohs! e ahs! de admiração...

Cliché Fox

A VIDA DE GARY COOPER

GARY COOPER chegou á California vindo de Helena, no Estado de Montana, com um unico objetivo, sobresair como ilustrador e caricaturista pois que nessas especialidades se fizera um nome em sua terra natal.

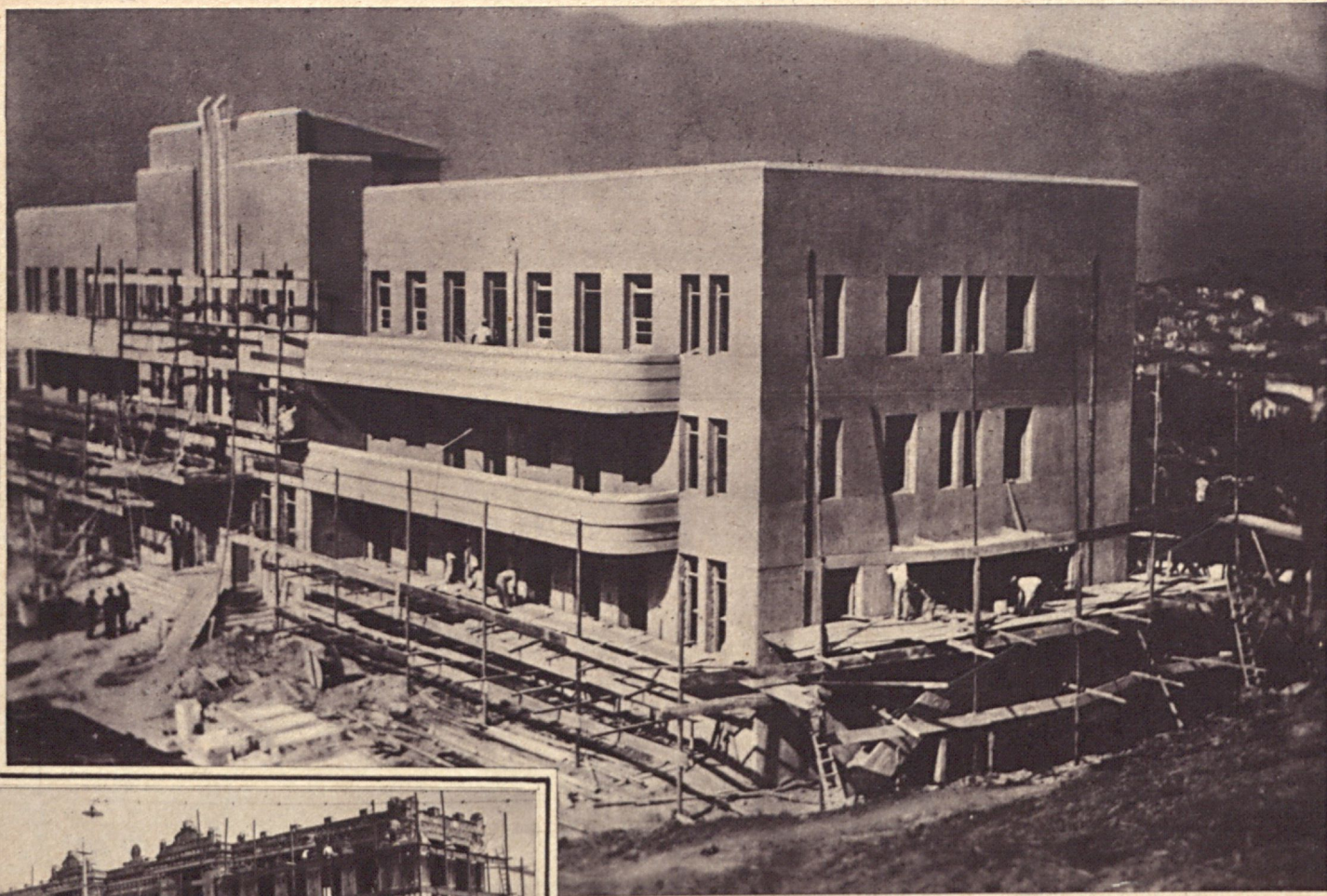
Contava Gary Cooper nove anos quando seus paes o levaram para a Inglaterra. Lá ingressou em uma escola de primeiras letras em Dunstable, no Bedfordshire, voltando quatro anos depois para Helena. Cursava o Instituto Secundario quando sofreu um serio acidente de automovel que o obrigou a internar-se na fazenda de seu pae para se refazer. Ali, a proporção que se restabelecia tornava-se habil cavaleiro e destro vaqueiro, manejando o laço com pericia. Seu pae, porém, queria que ele continuasse os estudos. Mandou-o então para Grinnell, no Iowa, onde Cooper completou o curso de humanidades, dedicando-se em seguida ao desenho. Em 1919 era admitido em Helena como caricaturista e ilustrador de um jornal cargo que ocupou por cinco anos.

Em Los Angeles, porém, lògo de inicio o desenhista fracassou e Gary Cooper teve que procurar qualquer ocupação.

Fez-se agente de anuncios, em seguida, agente de uma fotografia e, a conselho, de um amigo ingressou nos estudios cinematograficos como comparsa e assim trabalhou um ano, sem esperança alguma de progredir na nova atividade em que como centenas de outros não passava de um anonimo.

A sorte, porém, velava por ele e em 1925 Hans Tiesler, editor cinematografico não filiado a nenhuma das grandes companhias de Hollywood, notou-o e promoveu-o de comparsa a ator. Os papeis que lhe destinou foram os de vaqueiro em peliculas do Oeste norte-americano; a primeira atriz com que contrascenou, Eileen Sedgwick.

Assim deu Gary Cooper o primeiro passo no caminho da gloria. Mas havia muito que andar ainda.

Foi na "Conquista de Barbara Worth" que atraio a atenção de B. P. Schulberg, gerente dos Studios Paramount.

Hospital Jesus, em Villa Isabel, já quasi terminado, e que se destina ás creanças.

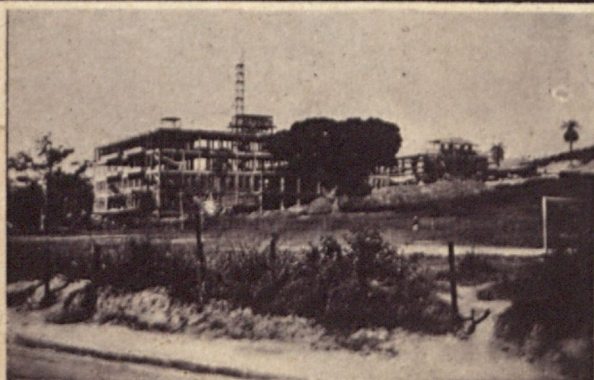
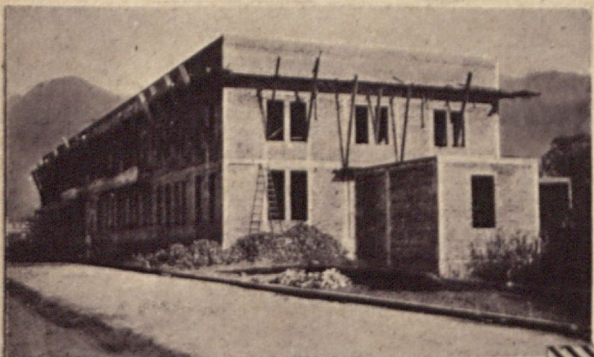
Tambem se acham adeantadas, como se vêem da gravura, as obras do hospital de Marechal Hermes.

UMA GRANDE OBRA DE ASSISTENCIA

NUMA das nossas edições antériores, occupando-nos do problema da assistencia hospitalar na Capital Federal, salientamos a importancia de que se revestia, para a população carioca, a construcção de varios hospitaes, em differentes bairros da cidade, com o fito de attender os necessitados, em pontos afastados e distantes.

Nessa occasião, estampámos photographias de alguns desses predios que se erguiam, pouco a pouco, na Gavea, em Villa Isabel, nos suburbios da Central e da Leopoldina, na Ilha do Governador, etc., como o melhor presente da actual administração do municipio á população mais pobre e necessitada do Districto.

Hoje, apresentamos novos aspectos que mostram o estado de progresso dessas obras, sobre as quaes tem os olhos o nosso povo, pois o seu acabamento significa o amparo de tanto doente sem tecto e sem amparo, de tanta creança abandonada!

A realização dessa grandiosa obra de assistencia representa um grande serviço que os Drs. Pedro Ernesto e Gastão Guimarães, Interventor e Director da Assistencia Municipal respectivamente prestam á Capital Federal, provendo-a de uma das suas maiores e mais urgentes necessidades.

O arcabouço do hospital que está sendo levantado na Penha.

O hospital que está sendo construido na Gavea

Antigo solar onde se acha installada a Prefeitura Municipal.

Panorama da cidade, visto da torre do Seminario.

TAUBATÉ
Princeza do Norte Paulista

GOSTO das cidades que, a semelhança das creaturas, tenham uma personalidade propria.

Taubaté, a princeza do norte paulista e que na historia do bandeirismo teve actuação destacada, guarda no seu perfil e nas suas maneiras de vovó fidalga essa linha de distincção e elegancia que sem ser orgulho traduz algo de respeito e veneração por si mesma e pelo seu passado.

Cathedral

Fundada ha quasi tres seculos, Taubaté que como Pinda e outros centros importantes da chamada zona norte fica verdadeiramente a léste e teve o seu nome ligado ao primeiro convenio nacional de café, desfruta actualmente invejavel prosperidade occupando na economia paulista um dos primeiros logares como productor de arroz, frutas citricas, industria pecuaria, cereaes e outras actividades.

A manufactura de tecidos de algodão acha-se por sua vez bastante desenvolvida contando ainda Taubaté uma tecelagem de juta a qual dispõe de culturas proprias sendo talvez a unica organização desse genero que tenha tomado essa iniciativa no Brasil. Emporio commercial bastante activo, conta a antiga *urbs* um apparelhamento mercantil não só capaz de fazer face as exigencias de sua população orçada em 22 mil habitantes como tambem para abastecer os districtos limitrophes.

Taubaté é por sua vez um centro cultural bastante adiantado contando estabelecimentos de ensino modelares quer publicos quer particulares. Destacamos entre estes o Seminario Episcopal e o Gymnasio.

Entre as instituições de assistencia figuram a Santa Casa de Misericordia, o Hospital de Isolamento, o Asylo de S. José e outros mais modernos.

Cidade de estructura antiga e com aquelle traço predominante dos burgos lusitanos da era colonial, Taubaté acha-se presentemente dotada de todos os melhoramentos modernos causando excellente impressão tanto pela sua limpeza e hygiene publicas como pela apparencia de suas casas bem conservadas.

Rua das Palmeiras

O que lhe dá porém um cunho particularissimo, são as palmeiras e arvores seculares que por toda a parte lhe envolvem formando uma umbella protectora e propicia a meditação.

Velho pouso plantado em 1639 por Jacques Felix a uma legua do Parahyba, a cidade de hoje é sem duvida um marco brilhante entre tantas outras da terra fecunda de Piratininga.

PLINIO CAVALCANTI

O historico Convento de Santa Clara.

Praça da Cathedral, no coração da cidade.

Inaugurou-se a Feira Internacional de Amostras

O Presidente da Republica, rodeado pelo Interventor Dr. Pedro Ernesto e Ministros, assigna o acto de abertura do grande certamen internacional.

REVESTIU-SE de grande brilhantismo a solemnidade da inauguração da Feira Internacional de Amostras, no dia 12 de Agosto, data do centenario do Acto Addicional que creou o Municipio do Rio de Janeiro.

A esse acto compareceram, em formatura, as creanças das escolas municipaes e grande multidão.

Altas autoridades tomaram parte na solemnidade, inclusive o Presidente da Republica, o Interventor no Districto e Ministros de Estado.

Um flagrante da Feira de Amostras, no dia da inauguração, vendo-se, formadas, as creanças de diversas escolas municipaes.

Depois da solemnidade da inauguração, quando deixavam o recinto da Feira as altas autoridades.

RELATIVIDADE

DE SEBASTIÃO FERNANDES

ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

QUANDO lhe disse que a beleza tinha sua época, o homem de preto assustou-se, parecia um burguez. Depois perguntei-lhe se conhecia a Venus de Milo. O homem olhou-me de sobr'olho cerrado. Notei que estava com receio de mim. Mas como o meu semblante não mostrasse traços fortes de alienado, êle fez um sinal com a cabeça afirmativamente.

— Pois bem, a Venus de Milo, hoje, sem braços e com aqueles pés, não interessa a ninguem. Parece uma atleta mutilada.

O homem de preto continuava a observar-me atentamente.

Continuei:

— Note que o senso estetico mudou, repare como a mulher de hoje é mais debil, mais flexivel, mais mulher, ainda com calças, cabêlo e cigarro... a "la homem"...

— Mas...

— Não ha mais nenhum. O senhor tem seguramente 60 anos...

— Perdão, 59.

— Ha quarenta anos atrás, era com certeza um rapaz como eu, louco por uma corista...

— Perdão.

— Qual perdão, póde confessar... é tão bom confessar um belo erro... Repare nas coristas daquele tempo... Pelos retratos ainda podemos avaliar. O tipo **standard** sem variantes das medidas antropometricas eram mulheres gordas, imensamente cheias de banha, redondas, incomensuravelmente inchadas. Que seriam delas hoje?!

E no entanto, faziam a loucura de todos e eram as "estrellas"...

O volume diminuiu, não se concebe mais uma rapariga de 1880. Mesmo com os vestidos de traços antigos...

Todos os romances de Gyp e Paul Bourget carecem de uma revisão. Os espartilhos espantados e as gólas incompreensiveis estão no museu.

E' por isso que disse que o senso estetico e a beleza têm a sua época.

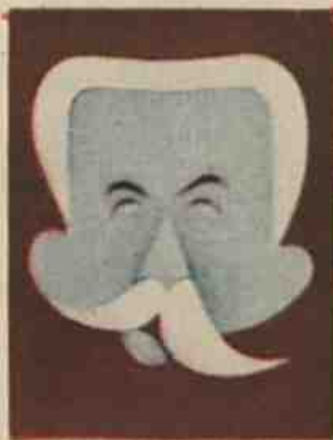
Tudo muito relativo como sempre.

O homem de preto lembrou-se das coristas gordas, dos seus vinte anos magros e sorriu sem me olhar de sobr'olho.

Imaginem se eu lhe falasse em louras e morenas!

O traço magistral do caricaturista Garretto

Mustafá Kemal

Kronprinz

Marechal Lyautey

Carol da Rumania

"Seu" Penha

ERA noite de festa na roça do velho Chico Freitas, um dos mais antigos e estimados moradores ali do Arraial de São Joaquim. Fazia annos sua filha, a Tudinha, cabocla que era um peccado em forma de gente.

No terreiro bem varrido, ardia, estalando forte, uma immensa fogueira de bambú secco que, de vez em quando, lançava para os céus linguas convulsas de fogo que estertoravam ligeiras e se perdiam no nada. Tinham a duração fugaz de certos sonhos dos homens, de muitas cousas da vida.......

Um "choro" bem afinado tocava um maxixe, sensual, bem brasileiro. Os moços dansavam e os velhos, "quentando fogo", olhavam de soslaio as formas desenvoltas das caboclas bonitas e, tristes, ficavam com saudades do passado....

Foi quando o Zeferino, para distrahir, resolveu contar um caso. Tirou uma dentada de batata assada, sorveu um trago de paraty, pigarreou forte e começou:

— E' engraçado! "faz" hoje "cincuenta anno" certinho que morreu "seu" Penha!

— Quem será esse "seu" Penha, gente?! perguntaram da roda.

— Bem, si vosmicê faz empenho de "sabê".....

Foi no tempo da minha meninice que me "contaro" essa historia. Meu pae morava co'a famia inda na côrte......

E a historia do Zeferino era assim:

D. Thomaz Peñable Gonzalez, fidalgo andaluz, nobre pelo nome e pelos dotes de coração, afastado por complete das intrigas da côrte, vivia em Madrid unicamente para o lar, dividindo a sua vida entre a esposa a quem muito amava, — assim como sóe ser o amor das flores pelo despertar da aurora nas manhãs douradas, — e o filho do casal, muito louro e muito lindo, que constituia todo o seu encanto de pae amantissimo. Era uma vida boa, simples e feliz, um continuo sonhar entre caricias. E, illudido, na cegueira do seu grande amor, D. Thomaz não percebia que era torpemente enganado, que aquella a quem dera o seu nome era indigna delle, porque — toda falsidade — talvez por méro capricho, arrastava a sua tradição sem macula de seculos pela lama putrefacta das sargetas immundas.

E, no emtanto, nada lhe faltava! Amor, carinhos, luxo, conforto. Que mais póde querer uma mulher? Mas, as mulheres são mulheres... e é tudo. Quem poderá jamais vencel-as na arte de illudir, trahir, dissimular?

E, assim, numa noite de inverno, escura e tenebrosa como as almas dos proscriptos, ella o abandonou, emquanto, entregue talvez á delicia mysteriosa de um sonho feliz, elle dormia descançado.

O outro, a poucos metros do palacio, esperava-a, embuçado numa capa ampla, negra como a sua consciencia, temendo o frio gelado da noite que, em rajadas cortantes, lhe vergastava o rosto cynico de trahidor. E se foram, não sei para onde, julgando-se, talvez felizes.

Ah, felicidade! Quantos crimes se commettem em teu nome!....

E então, desencadeou-se formidavel temporal. O vento, cão vagabundo dos espaços sem fim, ora triste, gemia, ora enraivecido, uivava assustadoramente. Era a natureza solidaria com a dôr daquelle que ficara só, e furiosa, implacavel, para com os que partiram.

Nos jardins do palacio dos Gonzalez havia, numa velha figueira, um ninho formoso de rouxinoes. O vento derrubou-o sem piedade e os rouxinoes, tristes, se foram para bem longe......

Nada mais terrivel, avassalador, do que uma desillusão! A realidade, ás vezes, no seu laconismo inflexivel, espanta, embrutece.

"Ha algum tempo comprehendi que nunca te amei. Para que, pois, continuar a farça que venho representando? Parto com alguem que me fará feliz. Levo comigo o meu filho de quem não tenho coragem para me separar. Não me procures; antes, esquece-me."

Meia duzia simples de palavras encerrando todo um universo formidavel de emoções!

No dia seguinte, o fidalgo, lendo o bilhete, deixado negligentemente sobre o toucador, viu cahir, com fragor, pedra a pedra, o castello maravilhoso dos seus sonhos. E, num repente, todo aquelle amor puro que sentia, se transformou em odio mortal, implacavelmente terrivel.

Elle precisava matar! Olhando casualmente para um espelho, não se reconheceu! Passou afflictivamente as mãos pelo rosto, uma, duas, tres vezes, mas lá estava sempre, vivo, o estygma indestructivel da dôr e do odio, dando-lhe a physionomia uma expressão hedionda de besta humana.

"Não me procures...." Ah! Procural-a-ia..... sim..... e, quando a encontrasse, então..........

O quadro infernal que a sua imaginação produziu fel-o rir gargalhadas loucas, sem nexo. E, rindo sempre, os olhos — desmesuradamente abertos de espanto, como a não crer no que viam — a se lhe injectarem, a cabeça á roda, escaldante, elle foi perdendo gradativamente as forças e cahiu bruscamente. De sua bocca, horrivelmente contrahida, dos ouvidos, sahia sangue em abundancia. Era uma commoção cerebral.

Mas, estava escripto que D. Thomaz não podia morrer ainda. Havia de viver para o seu odio. E assim foi. Depois de longos mezes de tratamento num hospital em que, — verdadeiro duello entre a vida e a morte — foram empregados todos os recursos da sciencia para salval-o, restabelecido, elle se desfez de todos os seus haveres e se consagrou, dahi por deante, unicamente á desforra que architectara e sem a qual, dizia, havia de persistir para todo o sempre aquella nodoa negra, infamante, nos seus brazões illustres. Do amor antigo já não havia siquer vestigios. Pois si o seu coração era pequeno para abrigar todo o seu odio!

E, novo Ashaverus, bandeirante de odio e de dôr, começou a procurar a infiel.

Umas vezes, desesperava. Nem um indicio, por menor que fosse! Outras, animava-se, reavivavam-se-lhe as forças numa esperança nova. Alguem a vira! Partira no dia anterior, com destino ignorado. E assim, numa louca peregrinação, D. Thomaz percorreu toda a Hespanha, tudo rebuscou, infructiferamente. Passaram-se mezes, atraz delles vieram annos e D. Thomaz não conseguia o seu desideratum. Seguindo uma pista falsa, veio ter ao Rio de Janeiro, onde, completamente desconhecido, já com escassos recursos, foi morar numa hospedaria de segunda ordem, na rua do Hospicio. Quanto póde uma mulher fazer de um homem! D. Thomaz, agora conhecido por "seu" Penha, já não era nem sombra do que fôra no tempo em que, illudido embora, vivia ainda do seu sonho. Physionomia convulsa pelo fel de um odio insatisfeito, olhos vermelhos de vigilias prolongadas, barba crescida, sujo, as roupas em desalinho, era mais um farrapo miseravel no grande monturo da vida. Passava noites e noites em claro, de olhos fixos na chamma bruxoleante de uma vela, só no seu quarto, sentado á beira do catre nauseabundo. Tinha allucinações terriveis ás vezes. Fóra disso, era um desiquilibrado mental, inoffensivo. A loucura, toldou-lhe o passado, enchendo-o como que de uma densa nevoa, de onde se destacava apenas, numa auréola vibrante de luz, uma linda creança loura. O seu filho!

E "seu" Penha, louco, na estreiteza insignificante do seu raciocinio, vagava incessantemente pelas ruas, procurando.... procurando sempre!.... Quando lhe faltavam as forças, deixava-se cahir mollemente sobre alguma soleira de porta e ali dormia, exposto muita vez á inclemencia do tempo.

A garotada das ruas (de que fazia parte o Zeferino) tinha-lhe verdadeiro pavor. Mal o avistavam á distancia, fugiam todos, desbaratavam-se, gritando, na sua infantilidade: — "Ahi vem "seu" Penha, o velho papão!

E o pobre velho passava, num andar vagaroso, arrastado, de olhos pregados no chão.

E o tempo foi correndo, correndo, até que um dia, quando, numa praça, brincavam diversos meninos, um delles, repentinamente, exclamou: — "E' "seu" Penha"! E ninguem fugiu! E "seu" Penha passou, num caixão roxo como uma saudade, carregado por quatro negros possantes, escravos do piedoso hospedeiro da rua do Hospicio.

NILO DA SILVEIRA WERNECK

O Monge de Claraval

(*Especialmente para O MALHO, de ASSIS MEMORIA*)

Occorre, nestes dias, a commemoração de São Bernardo, o famoso abbade de Claraval. Este nome enche, de extremo a extremo, quasi todo um seculo *notavel* da *Edade-Media*. Tal foi o prestigio do grande asceta, foi tamanha a sua projecção, que a Historia dedica uma centuria inteira ao registo fulgurante dos seus feitos, ao elogio dos seus triumphos memoraveis.

Vinha de uma das mais fidalgas familias da França, tendo nascido naquella terra legendaria de *Saboya*, que foi sempre fertil em talentos, em heróes e em santos. O ninho de aguias das Gallias immortaes. Dotado de uma singular belleza physica tanto quanto attrahente pelo brilho da eloquencia e pela doçura das maneiras, Bernardo, mal surgiu no scenario da vida, foi para logo um victorioso.

Entregando-se ardorosamente ao estudo, auxiliado por uma intelligencia de rara acuidade, servido por uma retentiva assombrosa, tornou-se um mancebo dos mais cultos da sua geração. Tudo nelle era a esperança infallivel de uma das mais brilhantes carreiras, na vida mundana.

Uma inspiração o empolgou: retirar-se do scenario profano e todo se entregar á sciencia divina, aos interesses do Alto.

Aproveitou para isso a morte dos paes. Herdeiro de apreciaveis haveres, resolveu legar tudo aos pobres e fazer-se monge de *Cistér*, a celebre ordem contemplativa, fundada por São Bruno, no seculo VI. Não poz delongas á resolução que tomara, firme, inabalavel. Communicou aos seus irmãos o intento e, na occasião em que se despedia destes e do mundo para se sepultar vivo no claustro de *Claraval*, verificou-se uma scena de commovedora dramaticidade. Os irmãos, que lhe queriam com especial carinho, abraçam-no, em copioso pranto e lhe ponderam: — "Queres, então, arrebatar o céo sómente para tua pessoa e deixar-nos a nós a pobreza e a miseria da terra?! Não, nós iremos tambem comtigo!" E não houve detel-os.

Distribuiram com os pobres o que lhes coubera, em herança, e fizeram-se monges, trocando, dessarte, pela suprema bemaventurança a suprema contingencia das cousas materiaes, sempre ephemeras, falliveis sempre. Profunda sabedoria!

Uma vez no ermo e na penitencia, no silencio e na solidão das alturas de *Claraval*, Bernardo attingiu os extremos da perfeição espiritual e da sciencia sagrada e profana. Galgou logo as posições de mais destaque da *Ordem cisterciense*, immortalizando-se com esta legenda: o abbade, o monge de Claraval.

Na estreiteza de sua cella, tornou-se o oraculo de papas e de reis. A sua agudeza de vistas, a sua facilidade de apprehensão, sobretudo, as suas maneiras distinctas eram elementos de successo em todas as empresas que tentava. De vez em quando, descia a montanha seraphica, em que se alcandorara e trazia á planicie, em que se agitavam as paixões humanas e tambem a humana miseria infinita, o balsamo da sua providencia viva, as luzes da sua sciencia, o conforto da sua bondade. Absórto em cogitações sempre elevadas, alheiado, por completo, do mundo, embora em contacto com este, todo o seu pensamento era extra-terrestre. Certa vez, em companhia de um amigo, atravessou, sem notar, toda a extensão do celebre lago de *Constança*.

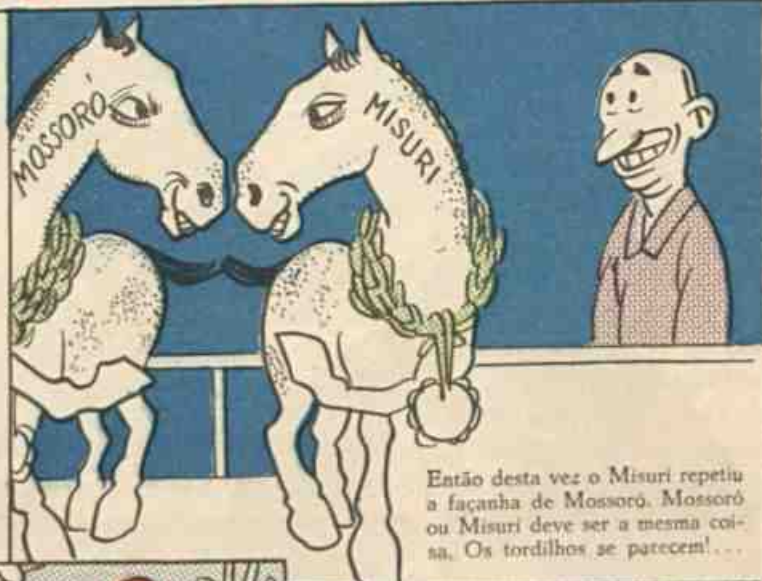
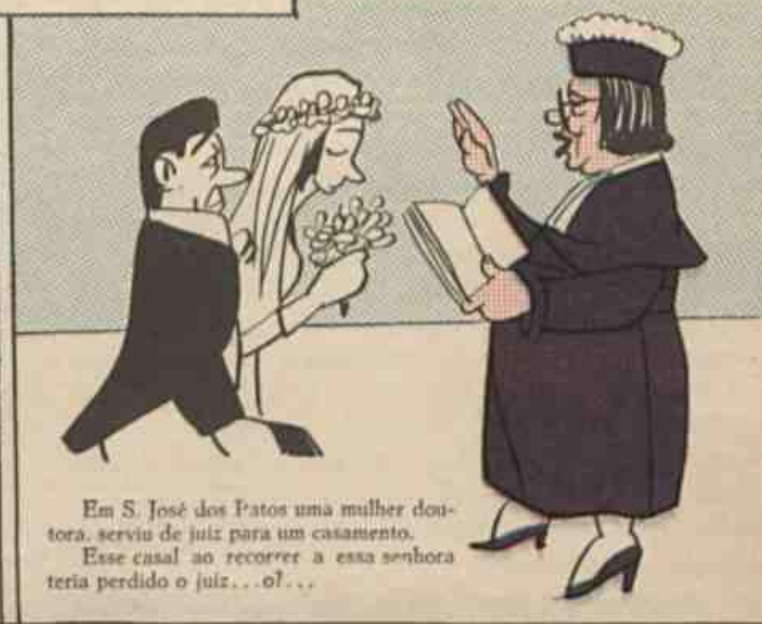
Sua obra immortal foram, porém, as *Cruzadas*. Naquellas éras, o sonho christão se resumia neste anseio supremo: libertar o sepulchro do Christo, em Jerusalem, do dominio aviltante da seita de Mahomet.

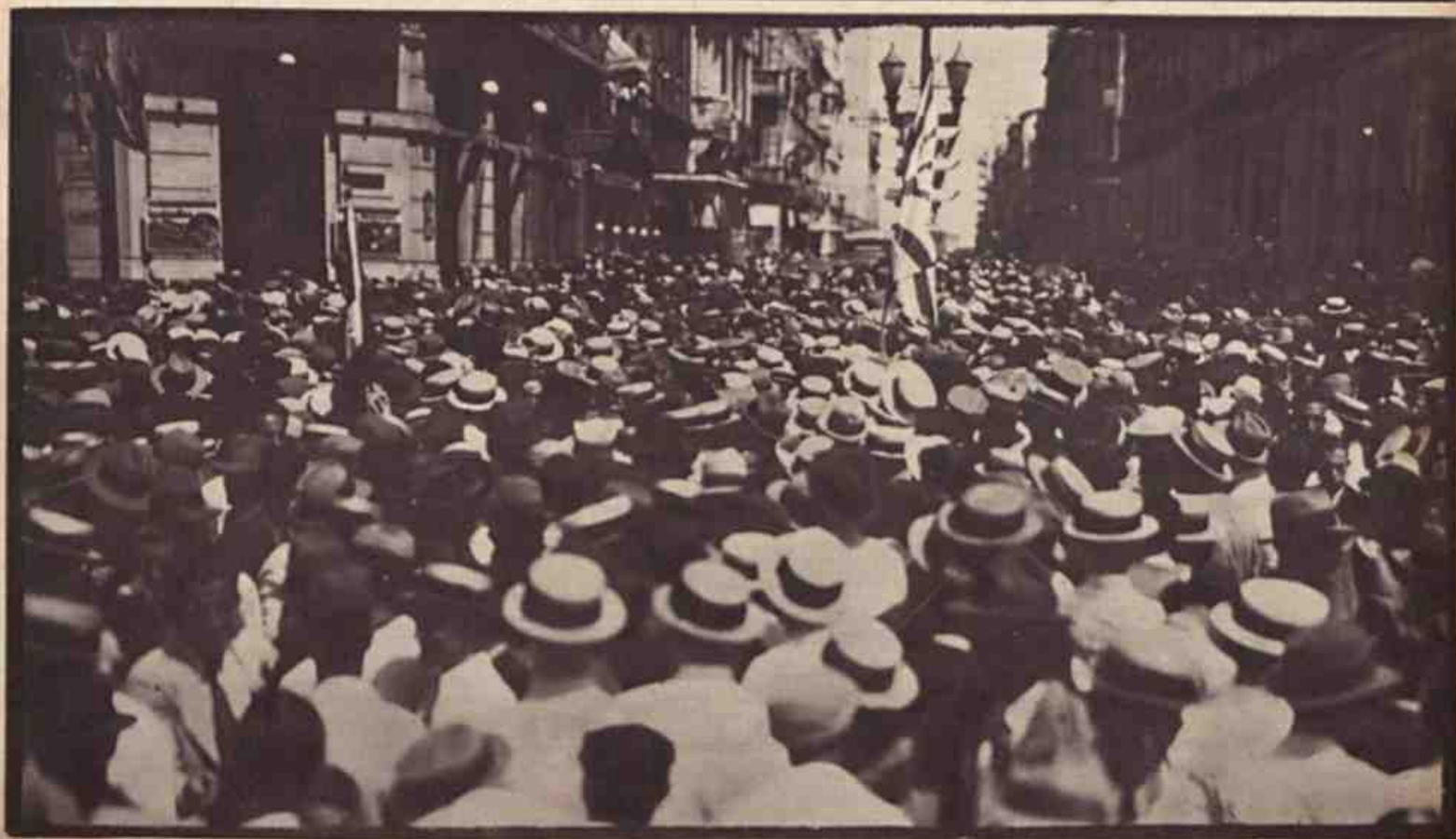
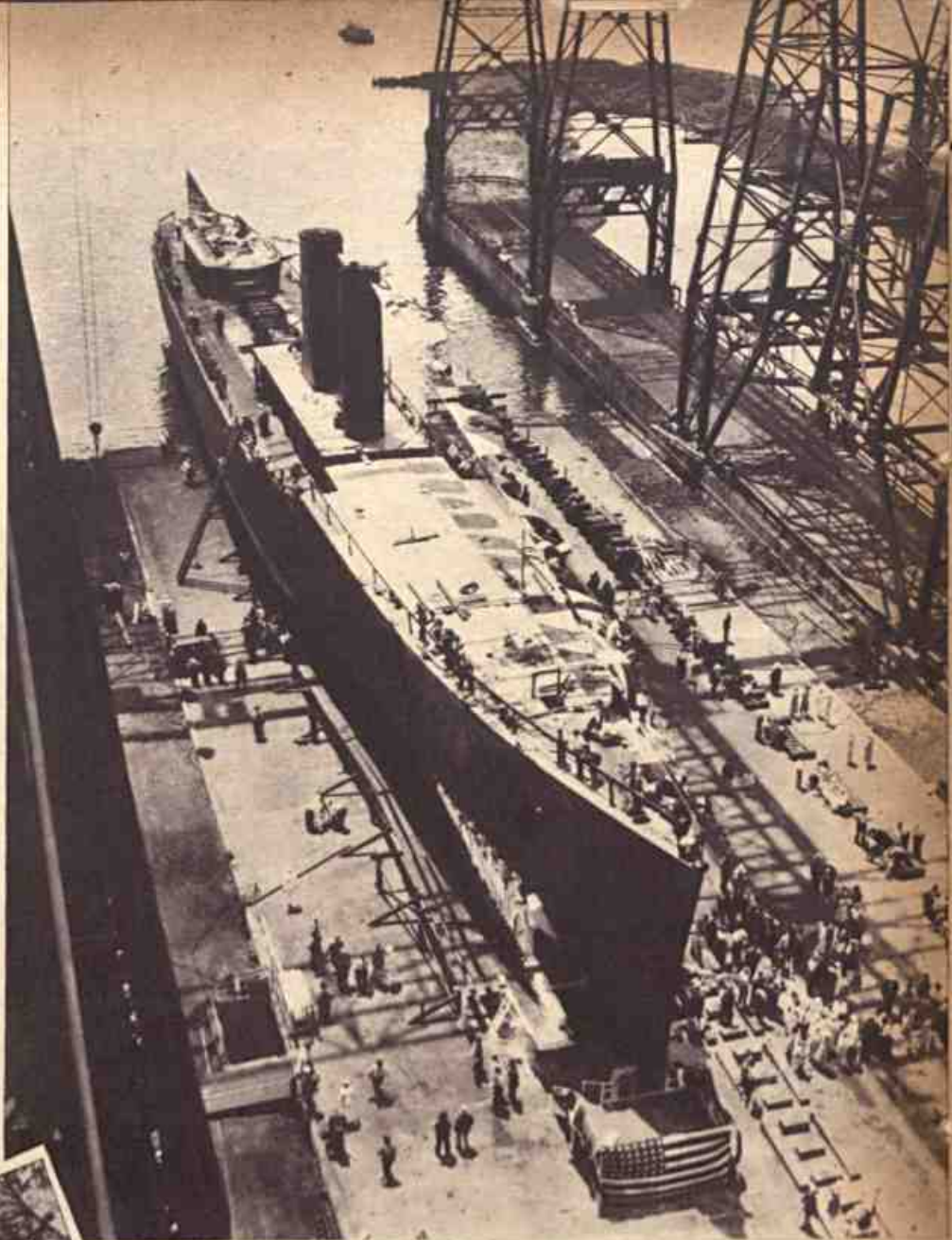
Não tinham tido continuação os heroicos feitos de Pedro, o eremita, organizador da primeira cruzada. O mundo christão jazia no desanimo, vendo que o poder mahometano, além da posse sacrilega do sepulchro de Jesus, ensaiava uma invasão tremenda na Europa civilizada e crente. Ninguem, entretanto, tomava a frente do movimento de opposição áquelles barbaros, na imminencia de uma irrupção fatal. E' quando São Bernardo desce a montanha, como outro Moysés, os cimos luminosos do Sinai. E agita o mundo com aquella famosa flammula: "Avante! A Jerusalem! Deus o quer!"

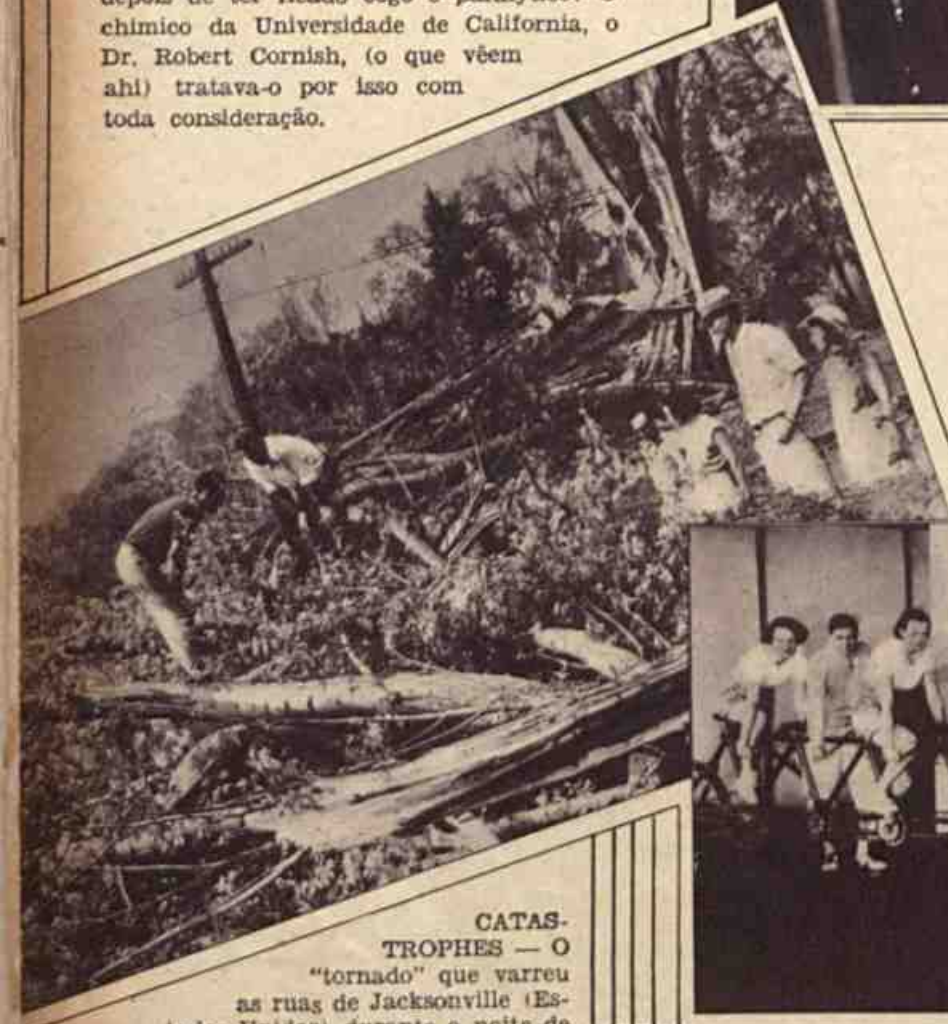
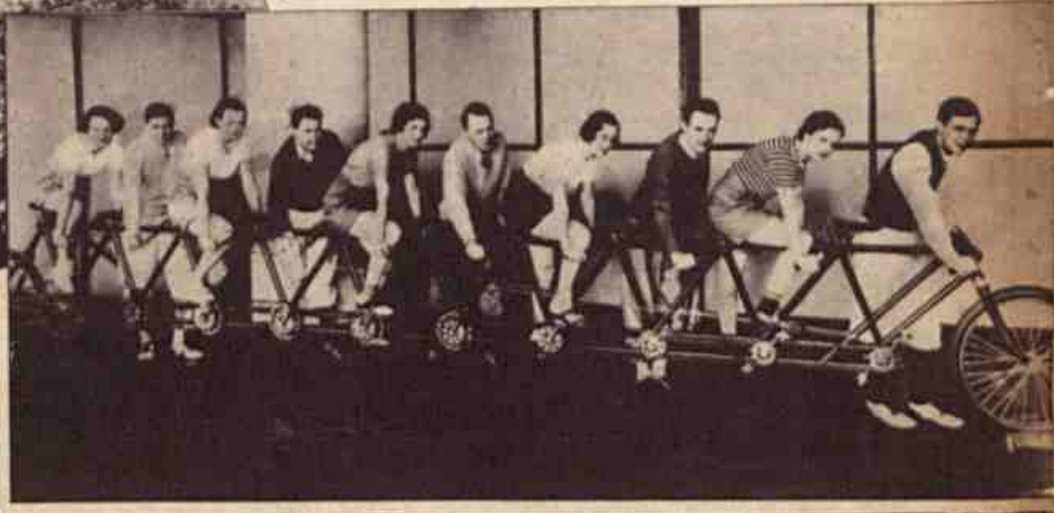
Não se precisou de mais palavras. Aquelle brado eloquente, por si mesmo, valeu como um incendio em marcha, um rastilho que inflammou tudo: almas e corações. E' assim que, reis e monges, soldados e cavalleiros, o Occidente em peso, tudo se poz a caminho da cidade santa, numa abalada invencivel, numa jornada, que enche um seculo, o seculo heroico das Cruzadas — "Avante! A Jerusalem! Deus o quer!" Palavras magicas, clarão que illumina todo um cyclo historico, synthese de uma eloquencia, que era a personificação de um genio, que era o symbolo vivo de um homem feito heroismo, de um heroismo feito bondade e feito amor: São Bernardo, o immortal monge de Claraval.

RECITAL DE UMA GRANDE PIANISTA

No Instituto Nacional de Musica realizou-se, a 10 do corrente, o recital da pianista Leonor de Macedo Costa. A joven artista revelou um "virtuosismo" notavel, executando estudos de Schumann, Chopin, Friedman, Liszt, H. Oswald e outros.

Acreditem ou não... POR STORNI
Tivemos a ventura de receber a visita do presidente do Uruguay. O presidente Gabriel pisou em *Terra* firme a 18 do corrente.
TERRA!
VIVA!
MOSSORÓ
MISURI
Então desta vez o Misuri repetiu a façanha de Mossoró. Mossoró ou Misuri deve ser a mesma coisa. Os tordilhos se parecem!...
ADIVINHAÇÃO
— Qual é sobrenome que junto a outro de um ministro forma uma festa nocturna?
— ....?
— *Sá rão.*
?
CHILE
PARAGUAY
BOLIVIA
Quasi todos os paizes sul americanos adheriram ao pacto anti-bellico. O Chile, ao que parece é a primeira nação que tenta pôl-o em pratica... entrando para a fogueira do *Chaco!*
As mulheres se movimentam novamente na qualificação eleitoral. Pelo successo alcançado da vez passada ficou evidente que o *feminino triumphante* deu um pulo... para traz!...
— Chiiii! Olha aquelles bois brigando!
— Brigando nada! Elles estão dansando a *carioca*, do film. *Voando para o Rio!...*
Em S. José dos Patos uma mulher doutora, serviu de juiz para um casamento.
Esse casal ao *recorrer* a essa senhora teria perdido o juiz...o?...

DO EXILIO PARA OS BRAÇOS DO POVO

A chegada do Dr. Octavio Mangabeira foi uma das maiores consagrações populares que já teve um homem publico no Brasil. A população da capital da Bahia, como mostram estas photographias, representada por todas as suas classes e, notadamente, pelos seus elementos mais sadios, acorreu ao caes para acolher em seus braços a pessoa do ex-chanceller, que tão alto elevou o nome do Brasil, nos dias do seu poder e na hora amarga do seu exilio cheio de dignidade e altivez.

MARTYR DA SCIENCIA — O "Lazarus", que serviu para tantas experiencias scientificas, prestando assignalados serviços á Humanidade, morreu, o outro dia, depois de ter ficado cego e paralytico. O chimico da Universidade de California, o Dr. Robert Cornish, (o que vêem ahi) tratava-o por isso com toda consideração.

BAPTISMO DE UM DESTROYER — Acaba de ser lançado ao mar, em Philadelphia (E. U.), o "Mylwyn", que passa por ser o mais moderno dos navios de sua classe. A madrinha foi a menina Betty Farley, de 11 annos de edade, filha do Director Geral dos Correios.

O mundo

CATASTROPHES — O "tornado" que varreu as ruas de Jacksonville (Estados Unidos) durante a noite de 10 de Julho p. f., causou formidaveis prejuizos. Centenares de pessoas ficaram feridas e sem tecto e as arvores dos parques e jardins foram atiradas com vio-

UM BICYCLE SESQUI... PEDAL — E' este. Nem se discute. Leva 10 pessoas! Não ha maior. Foi construido em Boston (E. Unidos), e esta cidade se ufana de ter sido o ber-

ALLONS ENFANTS DE LA PATRIE... — Candidatos á matricula na Academia Militar de West Point (E. Unidos), esperando, á porta do celebre estabelecimento de Ensino, a hora de entrada. O curso ali abrange quatro annos, e desenvolve-se sob a mais severa disciplina.

DESCOBERTAS ARCHEOLOGICAS — Uma das colossaes escadarias do terraço de Persepolis, que vêm de ser exhumadas pelos membros da Expedição do Instituto Oriental da Persia.

E' um magnifico trabalho, que egual talvez não tenha.

GRÉVE DE AGRICULTORES — Foi proximo a este barracão, em Bridgeton (E. U.), que ultimamente a policia travou luta com agricultores em gréve. A gravura mostra a volta dos grevistas ao trabalho em seus tractores.

em revista

RUMO AO MAR — O professor Albert Einstein, o fundador da theoria da Relatividade, tem, tambem, suas horas de recreio. Lá onde o grande sabio se encontra actualmente, em Watch Hill, ha um lindo rio, sobre cujas aguas elle deslisa de vez em quando numa canoa, por si proprio dirigida.

UMA NOVA GENIAL ESTRELLA!

Shirley TEMPLE

UMA CREANÇA E UMA ARTISTA QUE SURGE N'UMA ESTRÉA SENSACIONAL EM

Alegria de Viver!

COM

WARNER BAXTER
JOHN BOLES
MADGE EVANS
JAMES DUNN
SYLVIA FROOS
AUNT JEMINA
STEPIN FETCHIT

FOX

O ESPECTACULO SENSACIONAL, A DESLUMBRANTE PROMESSA E 1.001 SURPRESAS PELOS MAIS FAMOSOS ASTROS DE CINEMA, THEATRO E RADIO DE NORTE AMERICA!

2ª feira 27 ODEON

Senhora

SENHORITA...

Se não fossem os "renards" e os vestidos sombríos, teriamos idéa de que o inverno se tinha ido embora, deixando-nos com o sól claro e quente com que os ultimos dias nos têm brindado.

O "trottoir" da Avenida, as corridas no Jockey demonstram a elegancia da carioca, o brilho dos seus olhos escuros, a boniteza do corpo e do rosto que ella já cuida com o carinho com que se trata de um objecto de arte.

Chapeus grandes, sem copa quasi, chatos sobre os cabellos, suspensos atraz, num movimento gracioso de descobrir a nuca e o cacheado que as "permanentes" organizam.

Nos jantares dansantes, veremos, muito em breve, os "pailletés", os tecidos de lhama e as lantejoulas substituidos pelos organdis finos, estampados, musselinas esvoaçantes, tambem estampadas e enriquecidas por delicados fios de ouro ou de prata.

O guarda roupa insensivelmente vae acolhendo novos vestidos, bem diversos do que os que agasa-

lhou um mez antes. E é mistér renovar o aspecto da silhueta, porque na novidade consiste a maior attracção dos velhos e dos novos tempos.

SORCIÈRE

A' esquerda — "Tailleur" talhado em crêpe de seda vermelho cravo, guarnições de velludo preto, chapeu preto com fita branca.

—o—

Em cima: — Vestido de seda fantasia, uma gola no feitio de lenço é uma das originalidades indispensaveis nos trajes de agora.

—o—

Em baixo: — Vestido de crêpe de seda branco, casaco azul anil, grande chapeu anil tambem.

DE TUDO UM POUCO

SAUDADE

(Laura da Fonseca e Silva)

Lagrimas, risos, musicas e flores,
Poeta verás na vida que passar:
Aqui, depressa; alli, mais devagar,
Teus passos seguirão por onde fôres.

Voluveis são, na vóz, são multicores,
Do Céo quaes nuvens, quaes ondas do mar:
Ora traduzem magua singular,
De encanto, já reflectem mil primores!

Então, buscando afflicto, além dos ares,
A harmonia de tudo bem dispor,
Dirás da immensa altura a que chegares:

Na presença do riso ha ás vezes dôr,
Ha lagrimas na ausencia dos pezares
— Sòmente onde ha Saudade, ha sempre Amor!

SENTENÇAS E AVISOS ESPIRITUAIS

(BERNARDES)

Entre Deus e os homens se atravessa um mar imenso, que são os nossos pecados. Porém ninguém desconfie de chegar a salvamento, porque o Salvador, sôbre êste mar, fêz de outro mar ponte para passarmos: sôbre o mar de nossas culpas, ponte do mar de suas penas; sôbre a corrente de nossas maldades, caminho pelas correntes de seu sangue. O' Piloto sábio, que do vosso naufrágio constituistes a nossa salvação; e na tempestade de poucas horas, a bonança de tôda a eternidade!

Ao pródigo e ao avarento falta o mesmo que lhes não falta: porque todos os tesouros da terra e do mar são poucos para tornar, um a lança-los ao mar, outro a escondê-los na terra.

O que é dotado de verdadeira virtude tem os seus males por fora, e os seus bens por dentro.

Pelo contràrio o amigo da glória vã, o hipócrita, o mundano, os seus males estão por dentro, porque são verdadeiros; e os seus bens por fora, porque são imaginados e aparentes.

Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico, do que é teu amor próprio. Se queres errar freqüentemente, sentenceia pelo seu voto.

PENSAMENTOS

(François Mauriac)

E' fóra de duvida que uma das peores attitudes é a do homem que se não pronuncia de vez, que renuncia pela metade. Esta semi-renuncia serve apenas para excitar a paixão.

— O coração não envelhece com o corpo. O rosto e o corpo se transformam; o coração é invariavel.

NOTA CINEMATICA

Primeiro... uma joven meio gorducha, bailando nos "cabarets" de Hollywood: uma "girl" que andou por Kansas City, Springfield, Oklahoma...

Uma fita — *Moças que bailam* — estampou Joan Crawford aos olhos do publico do cinema.

Depois surgio Douglas Junior. Casaram-se. Doug é intelligente. Joan adora-o.

E a felicidade — coisa que não fazia parte dos habitos da humilde bailarina dos olhos immensos — se fêz corpo e se fez clarão.

Joan "estrella", comprehendeu que seus directores pensaram bem: era preciso emmagrecer, não comer, perder o appetite. Joan passou a não rir tanto. Veste-se, porta-se, alimenta-se como lho prescrevem. De morena foi convertida em loura: trocaram-lhe os cabellos com reflexos castanhos pelos que a agua oxygenada produz. Joan é impellida...

Uma artista de nome, e grande, ella, ás vezes, suspira pelos tempos idos. Muito tarde! Soffre. Tem ciumes de Doug. Augmentam os seus olhos no tamanho, e na luz que delles se desprende ha um pouco de agonia, de interrogação dolorosa. Parte o casal para a Europa. Joan volta a sorrir. Hoje... alegremente passeia pelo braço de Doug. Amanhã... uma lagrima teimosa que ella não pode esconder aos amigos. Joan adelgaça-se mais. Hollywood murmura que o casal se vae desunir. Pura verdade. Dizem até que Joan se resolvêra a nova experiencia: casar com Franchot Tone...

Anna Sothern — Nova "estrella" que a Columbia Pictures apresentou no "Rex" com uma fita bonita e musica esplendida: "E' hora de amar!". E vestidos lindos: para a rua, para de tarde, para *soirée*, e os de *boudoir*.

A. DORET é uma casa tradicional na cidade carioca. Vem de ha longos annos, inaugurada pelo proprio Dorét, artista em materia de cabellos como o é em perfumes e productos para embellezamento da pelle. Pela casa têm passado as mais bellas e elegantes senhoras do Rio, as estranjeiras de renome que nos visitam, outras que aqui habitam. Na Cinelandia, à rua Alcindo Guanabara, foi que A. Dorét installou, de novo, ha meia duzia de annos, sua nova casa. Depois aposentou-se, dedicando-se à fabrica de perfumes. Mas deixou dois artistas que attrahem a melhor sociedade feminina do Rio: Garcia e Ribeiro. E agora, a casa, que se havia posto na loja do predio, tomou tambem o primeiro andar, preparado com o luxo e o confôrto necessarios à vida hodierna.

De parabens, pois, estão as damas da fina sociedade carioca.

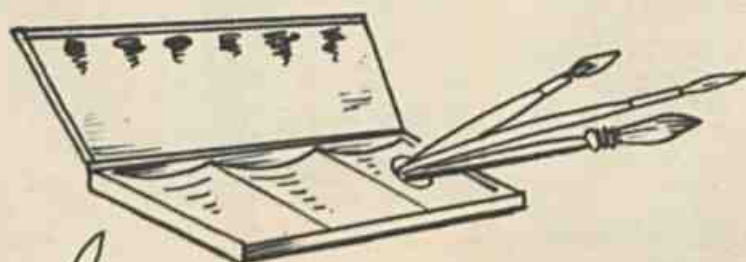
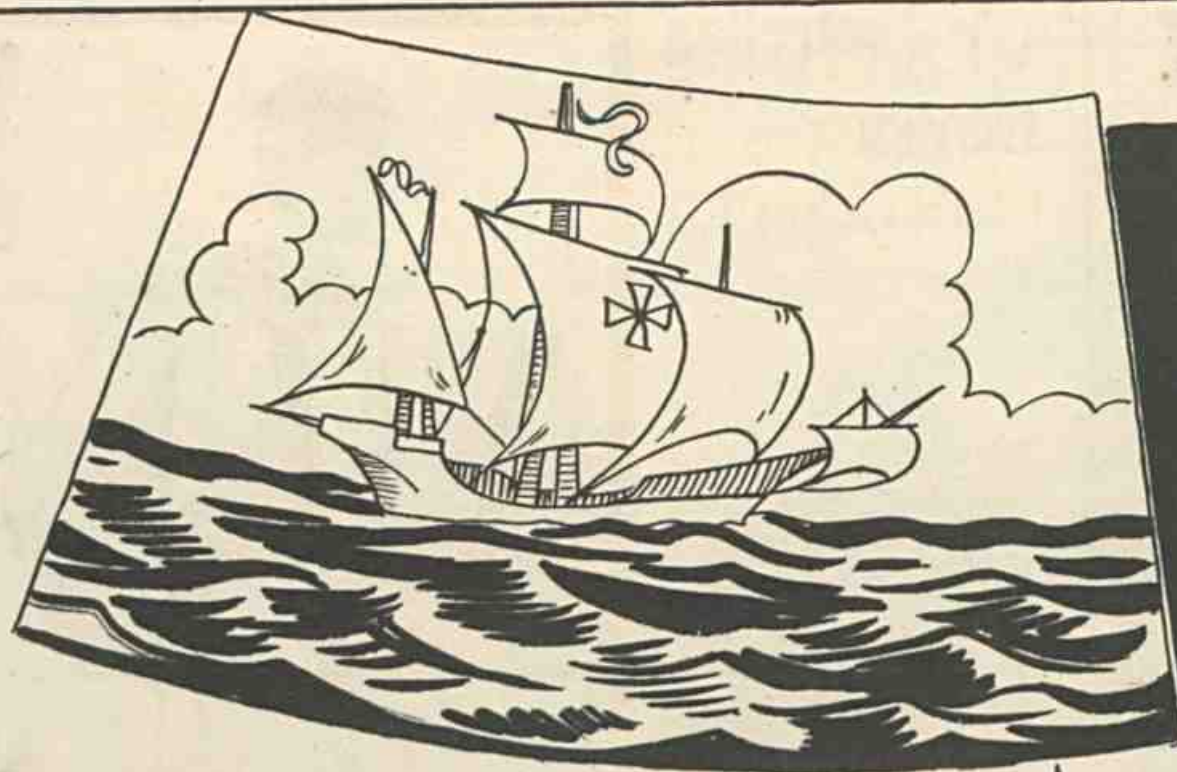
Elegante vestido de crêpe "marocain" de seda natural.

Como vestem as "estrellas" do Cinema

ANN SOTHERN é uma nova loira... do cinema. A Columbia Pictures trouxe-a num "film" luxuoso: "E' hora de amar!"

...Num vestido para de noite, brilhante de palhetas de ouro e "strass", os pés delicados em sandalias de setim.

A' tarde, na hora d o"cocktail" que precede o jantar dansante, um traje de crêpe de seda "beige", cinto original, de pelica dourada, argola e botões côr de ouro, "manthres" guarnecendo o casaco a tres quartos...

... e ANNA SOTHERN apresenta, nesta photographia, as mãos irreprehensivelmente euluvadas, uma blusa de seda brilhante branco, em contraste com o vestido negro, e as joias de ultimo gosto: no chapeu e na referida blusa.

"Abat-jour" Pintado

O "abat-jour" pode ser feito com papel *canson*, para desenho, ou pergaminho. Decalca-se sobre elle o motivo, contornam-se depois todas as linhas do desenho com tinta preta, nankin, usando pena fina.

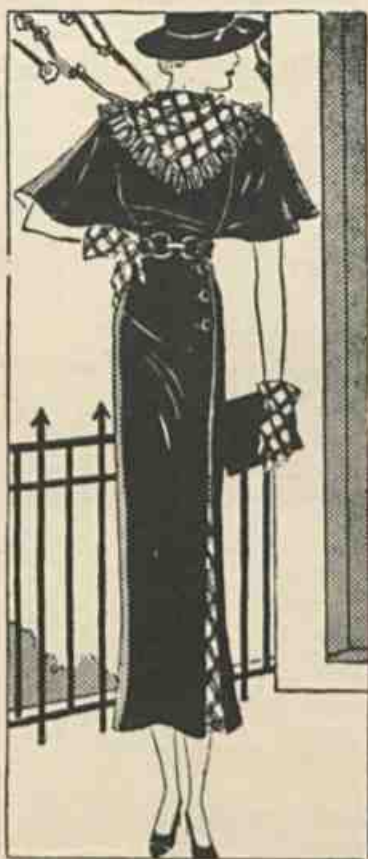
Quando secco limpa-se com a borracha, e começa-se a pintura (aquerélla).

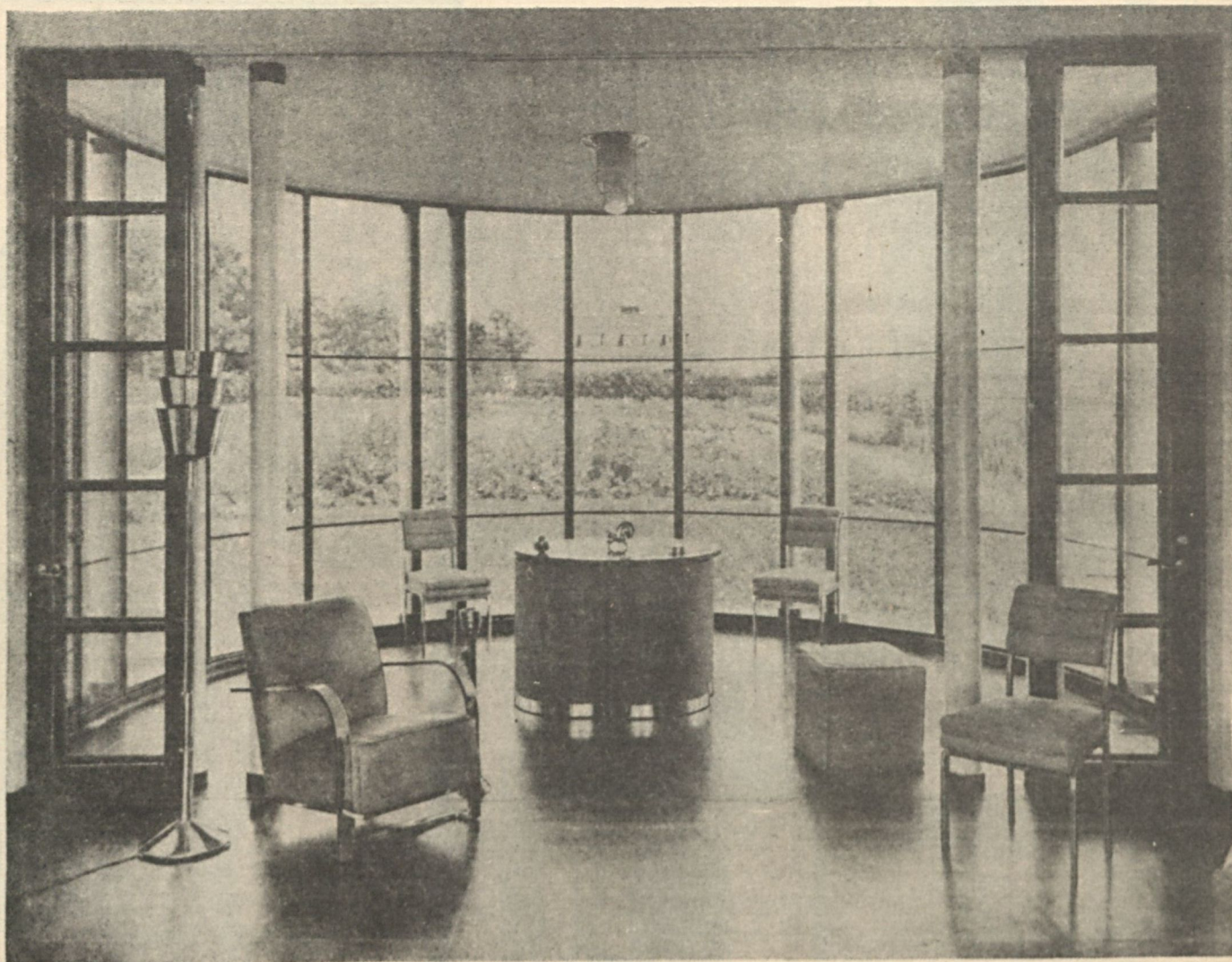
A tinta em tubos é a melhor por ser mais fina, dissolvida em um "godet" de modo a ficar bem aguada, e, com um pincel grosso de pónta, enchem-se os diversos planos, nos tons que se desejar.

Quando a côr ficar muito clara deixa-se seccar e pinta-se de novo. Este trabalho envernizado com verniz incolor transparente, será mais duravel e tomará o aspecto de de objecto antigo.

VESTIDOS PRATICOS E ELEGANTES

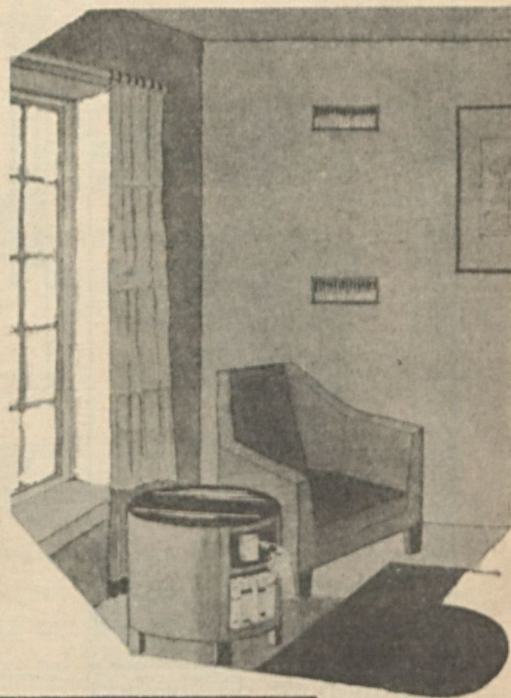
"Ensemble" de crêpe de seda estampa o.

"Ensemble" de "marocain" azul pastel guarnecido de "taffetas" escossês: azul brilhante, "beige" e preto: luvas, sapatos e chapeu pretos.

Vestido de "marocain" marinho, guarnições de "taffetas" escossês.

Saia de crêpe branco com bolas pretas; casaco preto, gravata do tecido da saia.

DECORAÇÃO DA CASA

Mobiliario apropriado á varanda de uma casa de estylo "internacional"

Não ha, felizmente, muita uniformidade no corte dos moveis: a mesa redonda; a poltrona em horizontaes, angulos, quadado...

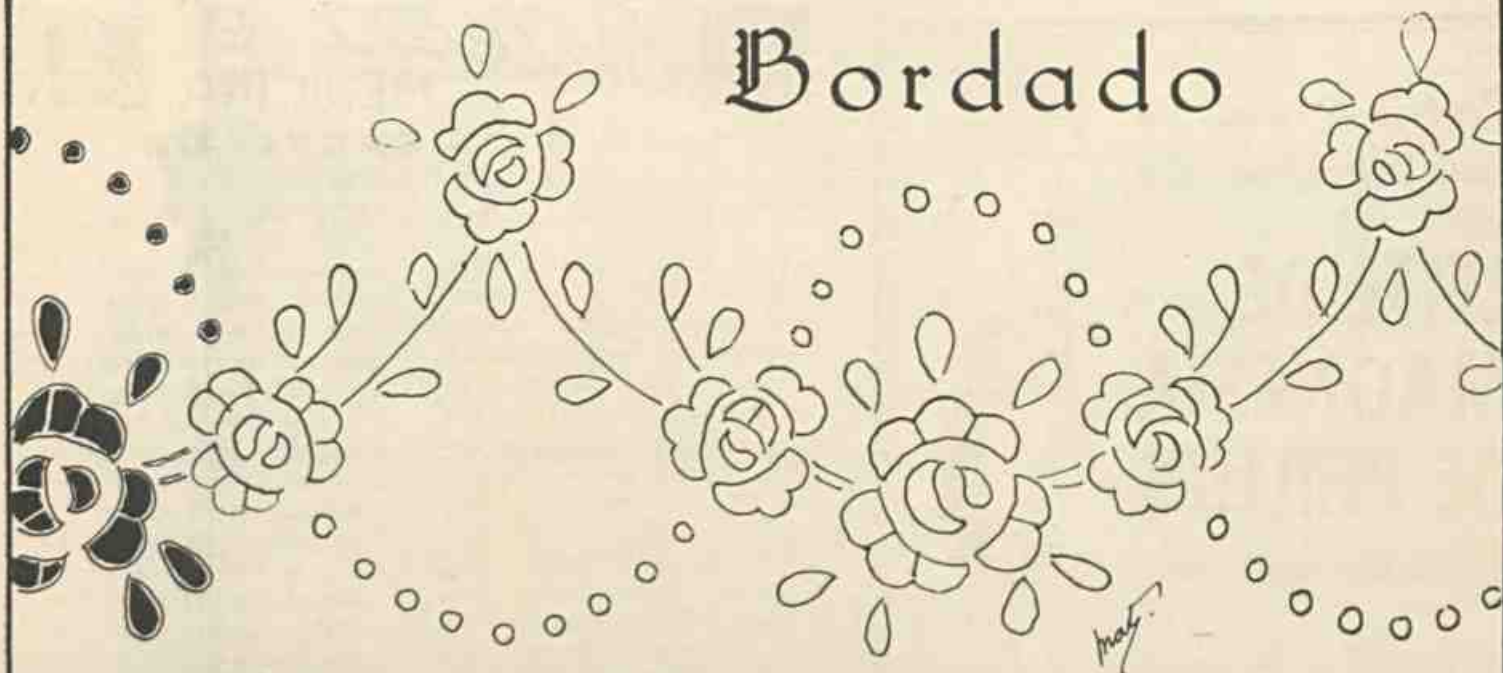
Uma poltrona confortavel, macia, é, o que melhor fica na sala — "studio".

PARA GENTE MEÚDA

MOCINHAS E MENINAS

Ha fantasia, e muita, no vestuario das meninas. Agora que os dias de inverno se vão e os da primavera illuminam a cidade, os vestidos das meninas serão alegres tambem.

. . . .

1 — Sobre um vestido de crêpe branco um colete de *tricot* verde, branco e preto; 2 — graciosa saia de flanéla crême, blusa de Jersey amarélo e azul pastel; 3 — saia de *drap* marinho, blusa branca, corpete de lã estampada; 4 — vestido de *shantung* rosa cravo, casaquito de Jersey rosa esmaecido bordado de preto; 5 — saia de lã marinho, casaco de crêpe de seda branco listrado de azul anil, blusa de fustão branco; 6 — costume de crêpe de lã e seda havana blusa *beige* estampada de vermelho; 7 — costume de *drap* azul claro; 8 — saia de veludo preto, blusa de seda estampada; 9 — saia e bolero de *shantung* verde folha, blusa de seda fantasia.

Bordado

Algumas peças de cambraia de linho branca ou de côr clara, bordadas no mesmo tom da fazenda.

Belleza e MEDICINA

O AR E OS CABELLOS

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Uma bella cabelleira representa um dos pontos essenciaes para a completa esthetica do corpo humano. Os cabellos constituem, sem duvida alguma, um dos melhores factores para augmentar a belleza pessoal. Uma formosa cabelleira tem sido motivo de grandes paixões e muitas pessoas eminentes são ainda hoje citadas pelos celebres cabellos que possuiam. Principalmente as senhoras devem cuidar com muito carinho do couro cabelludo, onde, os caprichos da moda exigem os penteados mais diversos e que obrigam a mostrar aos olhos do sexo forte todo o vigor, todo o encanto de uma cabelleira sadia. A boa hygiene da cabeça é de grande importancia para o desenvolvimento e nutrição dos cabellos e nada mais util á vida do pello que uma perfeita aeração.

Muitas moças abusam de maneira espantosa de uma série de preparações para o couro cabelludo, têm o pessimo habito de prender o cabello, chapéos ou pentes impropriados e o resultado dessas imprudencias é a perda dos cabellos e um passo para alópecia precoce. E' muito commum ver-se nas praias o vento levantar os cabellos e acto continuo, o pessimo costume das senhoras prenderem a cabelleira com gorros e pentes. Prejudicam, talvez, por falta de conhecimento, a saude do cabello. Sob o ponto de vista hygienico, nada mais elogiavel do que os cabellos em desalinho durante uma ou duas horas á beira da praia. E' a prova de que os cabellos estão aproveitando, tambem, os beneficios de uma estação de banhos. Se todas as frequentadoras de Copacabana, Flamengo ou Icarahy seguissem esse conselho durante os passeios que costumam fazer pelas praias, certamente apresentariam cabellos fortes e cheios de vida.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao DR. PIRES — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

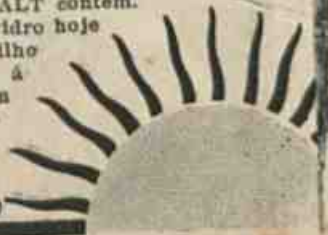
Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

E' tempo de fazer uma permanente para a temporada lyrica. Prepare-a, fazendo um tratamento de oleo uma vez por semana durante um mez mais ou menos. Applique o oleo nas pontas do cabello, que deve ser escovado para traz e que, provavelmente, ficou um pouco secco depois do tratamento com o calor.

Dê um perfeito corte e tambem muito elegante ao seu cabello, antecipadamente — esta é a maior exigencia para obter um successo completo.

CONTEMPLADOS NO 16.º TORNEIO DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

ESTEPHANIA MACHADO — Rua Professor Gabiso, 52.
MARIA IMBA' — Rua Candido Mendes, 25 — Appartamento 36.

ESTADO DO RIO

LEONOR CUNHA — Alameda S. Boaventura, 355 — Fonseca, Nictheroy.

S. PAULO

ANEZIA SAMPAIO — Rua Martinico Prado, 8 — Capital.
JORGE BILLER TEIXEIRA — Rua Gonçalves Dias, 84 — Araraquara.

MINAS GERAES

IRIS — Theophilo Ottoni.
CASSIO TRINDADE — Praça Americo Lopes, 1 — Ouro Preto.

RIO GRANDE DO SUL

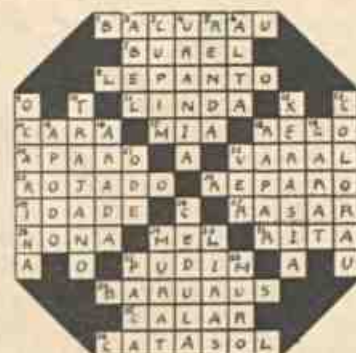
LUIZUL — Nova Vicenza.

PERNAMBUCO

JAIRO SEVERIANO — Rua Coronel Lamenha — Recife.

SERGIPE

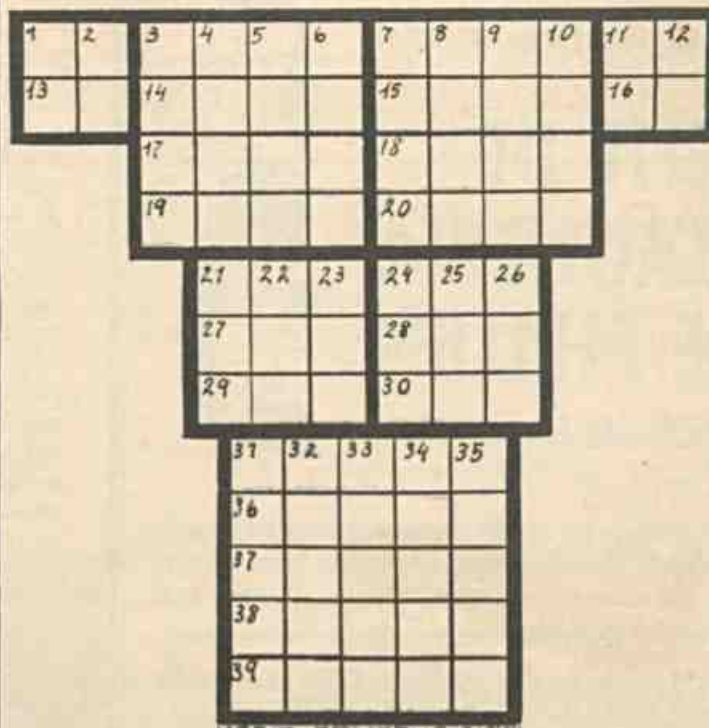
LES DESENCHANTÉES — Rua Nilo Peçanha, 17 — Propriá

			B	A	L	U	R	A	U			
			■	B	U	R	E	L	■			
			L	E	P	A	N	T	O			
O	■	T	■	L	I	N	D	A	■	X	■	L
L	A	R	A	■	M	I	A	■	R	E	L	O
A	P	A	R	O	■	A	■	V	A	R	A	L
R	O	J	A	D	O	■	R	E	P	A	R	O
I	D	A	D	E	■	C	■	R	A	S	A	R
N	O	N	A	■	M	E	L	■	R	I	T	A
A	■	O	■	P	U	D	I	M	■	A	■	U
			B	A	R	U	R	U	S			
			■	C	A	L	A	R	■			
			C	A	T	A	S	O	L			

SOLUÇÃO EXACTA DO 16º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CORRESPONDENCIA

HEITOR L. LOPES MOREIRA — Não temos recebido suas cartas. Não ha razão para desanimar. Sua vez ha de chegar.

JUSSELINO MONTEIRO NETO — Realmente, estão abarrotados mas, desde que os seus trabalhos sejam approvados, serão publicados mais cedo ou mais tarde.

Palavras cruzadas

HORIZONTAES

1 — Instrumento
3 — Dilação, demora
7 — Chuva
11 — Cidade da Chaldéa
13 — Frequentar
14 — Vertebrados alados
15 — Affeição
16 — Nota
17 — Magote de gente
18 — Fita
19 — Vir a proposito
20 — Falar em publico
21 — Composto chimico
24 — Preposição
21 — Epoca notavel
28 — Saudação
29 — Muita agua
30 — Fruto
31 — Socego
36 — Rocha silicosa
37 — Transbordar
38 — Epoca
39 — Residir

VERTICAES

1 — Letra grega
2 — Indispensavel á vida
3 — Para roupa
4 — Da gallinha
5 — Direita
6 — Filho de Jacob
7 — Larapio
8 — Chefe musulmano
9 — Frustra.
10 — Lavrar
11 — Numeral
12 — Tempo de verbo
21 — Numero
22 — No altar
23 — Casa
24 — Deus dos rebanhos
25 — Origem da gallinha
26 — Quadrupede
31 — Trabalhem
32 — Instrumento agricola
33 — Offender
34 — Voz de gato
35 — Irmão de Moysés

O presente problema de "Palavras Cruzadas" nos foi enviado pela nossa collaboradora Maria Campello. As soluções devem ser remettidas a esta redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio — até o dia 22 de Setembro, data do encerramento deste torneio. Na nossa edição de 4 de Outubro, apresentaremos o resultado do sorteio procedido, distribuindo O MALHO dez magnificos premios entre os concurrentes que enviarem as soluções certas e acompanhadas do "coupon" respectivo.

PALAVRAS CRUZADAS
Coupon n. 19

Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

PARA SUBIR NA VIDA

Para Stavisky, o unico meio de subir consistiria no seguinte: "frequentar um grande numero de pessoas e fazer dellas o que se possa. Utilisal-as em tudo, divertindo-as, gracejando com ellas, retribuindo-lhes regiamente os serviços prestados. Em pouco, tornar-se-ão cera molle em mãos peritas. A vida é assim... Uns trabalham, outros recolhem os lucros. Os que sabem "agir" encontram-se ainda... São rarissimos, mas existem..."

BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
VÔVÔ D'O TICO TICO
HISTORIAS DE PAE JOÃO
Papae
PANDARECO, PARACHOQUE e VIRALATA
Zé Macaco e Faustina
CHIQUINHO D'O TICO-TICO
NO MUNDO DOS BICHOS
O melhor presente para as creanças é um livro. Nos livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor.
VÔVÔ D'O TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
HISTORIAS DE PAE JOÃO
DE OSWALDO ORICO
PAPAE de JORACY CAMARGO
PANDARECO, PARA-CHOQUE E VIRALATA
DE MAX YANTOK
ZÉ MACACO E FAUSTINA
de ALFREDO STORNI
CHIQUINHO DO TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
NO MUNDO DOS BICHOS
de CARLOS MANHÃES
Comprae para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.
PEDIDOS EM VALE POSTAL OU CARTA REGISTRADA COM VALOR A
Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico
Trav. Ouvidor, 34
RIO DE JANEIRO
CADA VOLUME
5$